

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

39

OUTUBRO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Caco Galhardo

É tudo mentira

Confundido como versão da História, o romance histórico deve ser lido apenas como ficção segundo escritores e críticos

Entrevista | Nérida Piñon • Artigo | Assis Brasil • Romance | José Torero e Marcus Aurelius Pimenta



EDITORIAL

Nesta edição, o **Cândido** abre espaço para reflexões a respeito do romance histórico — as narrativas de ficção elaboradas a partir de episódios da história. O assunto é complexo e instigante. É possível conhecer episódios do passado a partir da leitura de obras literárias? O escritor Alberto Mussa diz que não. “Todo romance é, por convenção e definição, uma narrativa irrereal, ficcional. Não tem, por isso, quase nada a ver com a vida”, afirma Mussa.

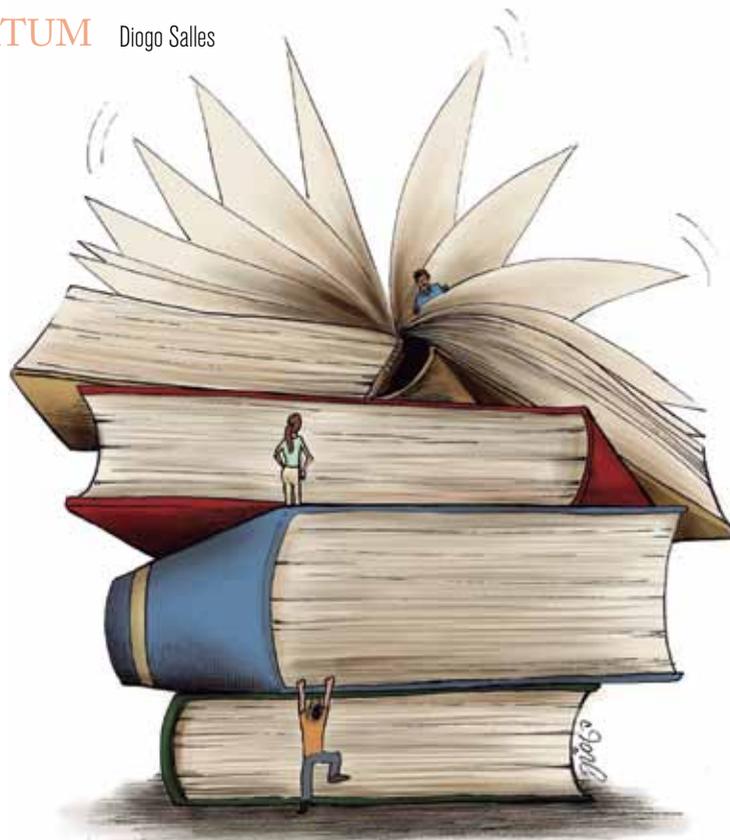
Além do escritor carioca, a reportagem do **Cândido** entrevistou os escritores Roberto Gomes e Rodrigo Garcia Lopes, o professor universitário Alceme- no Bastos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o doutorando em literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Cristiano Mello de Oliveira.

Todos eles contribuem com pontos de vista para ampliar os conhecimentos sobre o assunto. Oliveira, por exemplo, acredita que o excesso de informação pode prejudicar um romance histórico. Já o professor Bastos observa que uma narrativa ficcional inspirada na história não é, por exemplo, superior, nem inferior, a um romance de costumes, regionalista ou psicológico: “O romance histórico é, antes de tudo, romance.”

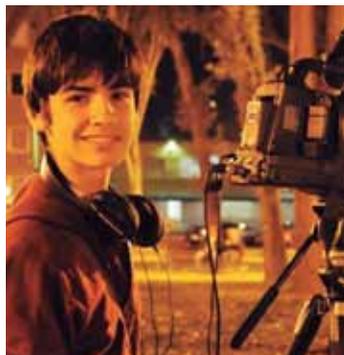
Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor, professor de criação literária e autor de romances que recriam literariamente episódios da história do Rio Grande do Sul, elaborou um ensaio inédito para o **Cândido** e, para completar a edição, o jornal publica fragmentos iniciais de um romance histórico inédito escrito em parceria por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta — além de uma lista com 10 romances históricos.

Boa leitura!

CARTUM Diogo Salles



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Assim como para muitos leitores, *Factótum*, de Charles Bukowski, foi definitivo para mim. O desconforto da narrativa do Velho Safado me transformou. Citando Kafka, o livro funciona como um machado que quebra o mar de gelo dentro de nós. Bukowski foi o suficiente para me aventurar em outros autores e, a cada nova descoberta, descobrir que não sou o único no mundo a quebrar cada vez mais o mar congelado.

Lucas de Lavor cursa jornalismo e é estagiário do jornal **Cândido**.



Divulgação

Li o livro todo em movimento. Uma viagem de avião, algumas de táxi, caminhadas a pé e, por último, dentro de um ônibus que me trazia para Curitiba novamente. Dentro do veículo, lendo e olhando a paisagem passar, chorei copiosamente de alegria por existir. *Só garotos*, de Patti Smith, conta sua história de amor com Robert Mapplethorpe e fala sobre viver na arte. Sobre viver. Sobreviver. Quando cheguei em casa, percebi que *Só garotos* só poderia ser lido por mim se estivesse me movimentando, mesmo que instintivamente. Porque o livro tem a pulsação de meu batimento cardíaco e porque eu sou só um garoto.

Fernando de Proença é artista e jornalista. Trabalha com criação de documentação artística e artes performáticas. Vive em Curitiba, entre apresentações teatrais e assessorias de imprensa.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Luças de Lavor e Thiago Lavado.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Afonso Cruz, Alexandre Gaito, André Ducci, Caco Galhardo, Cesar Marchesini, Dê Almeida, Diogo Salles, D.W. Ribatski, Fabio Soares, Felipe Rodrigues, José Roberto Torero, Luis Eduardo Matta, Luiz Antonio de Assis Brasil, Marcus Aurelius Pimenta, Mauricio Vieira, Marciel Conrado, Nicholas Pierre e Rômulo Zanotto.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Notas
da
Província

Maurício Vieira



O cotidiano em imagens

Quem passar pelo hall térreo da Biblioteca Pública do Paraná está convidado a fazer uma viagem imagética guiada por 12 fotos que abordam várias fases da vida humana. A mostra individual “Solitude”, do fotógrafo

Mauricio Vieira, propõe uma reflexão sobre o isolamento voluntário e as fases reflexivas pelas quais os seres humanos passam ao longo da vida. A exposição, que tem entrada gratuita, fica em cartaz até 31 de outubro. Esta é a sexta exposição realizada a partir da parceria entre a BPP e o Sesc Paraná, que faz a curadoria das mostras.

Collin, Augusto Massi e André Seffrin analisam as obras de poesia (prêmio Helena Kolody). A comissão é presidida por Rogério Pereira, diretor da BPP. O Prêmio Paraná de Literatura 2014 vai selecionar livros inéditos de autores de todo o País. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública do Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seu livro. As inscrições, gratuitas, aconteceram entre os meses de abril e junho deste ano. Ao todo, foram enviadas 636 obras. O resultado será divulgado na primeira quinzena de dezembro.

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) definiu os integrantes da comissão julgadora do Prêmio Paraná de Literatura 2014. Elvira Vigna, Regina Zilberman e Lourival Holanda são os jurados da categoria Romance (prêmio Manoel Carlos Karam). Cíntia Moscovich, Antonio Carlos Viana e Paulo Venturelli escolhem o melhor livro de contos (prêmio Newton Sampaio). Luci

Fotojornalismo no MON

A exposição “Um olhar sobre *O Cruzeiro*: as origens do fotojornalismo no Brasil” expõe mais de 300 imagens e matérias sobre a história da principal revista ilustrada brasileira do século XX, que foi decisiva para a implantação do fotojornalismo no país. A mostra fica em cartaz até 9 de novembro e tem como fio condutor a relação entre as

imagens produzidas pelos fotógrafos e as fotorreportagens tais como foram publicadas. Com foco nas décadas de 1940 e 1950, a exposição traz trabalhos de Pierre Verger, José Medeiros, Peter Scheier, Jean Manzon, Henri Ballot e Marcel Gautherot. Mais informações pelo número (41) 3350-4400.

Henri Ballot



Shopping Mall

O escritor Guido Viaro lança novo romance no próximo dia 22 de outubro. *Shopping Mall* é o 12º livro do escritor curitibano e também será editado em Portugal. A trama se desenrola em um futuro conturbado, em meio a crises políticas, sociais e climáticas. O lançamento será realizado em Centro Paranaense Feminino de Cultura, às 19h.



“Nenhum enigma nos protege da nossa própria brutalidade afetiva”

O escritor **Luis Eduardo Matta** bate um papo com **Nélida Piñón**, uma das principais autoras do país e que em novembro lança o livro de contos *A camisa do marido*





Uma das mais importantes vozes da literatura brasileira contemporânea, Nélide Piñon tem muito o que contar. Na sua obra, os afetos, a imaginação e as memórias se entrecruzam num mosaico narrativo singular, de envergadura mítica, épica. Ler seus livros é embarcar em travessias embaladas por uma prosa elaborada e de ritmo quase musical em que as palavras soam como instrumentos perfeitamente harmonizados de uma orquestra a um só tempo múltipla e intimista que, não raro, dá à sequência de páginas um caráter de sinfonia. Reverenciada dentro e fora do Brasil, tendo recebido diversos prêmios importantes, como o Juan Rulfo, em 1995, e o prestigioso Príncipe de Astúrias, em 2005, Nélide estreou na literatura em 1961 com *Guia mapa de Gabriel Arcanjo* e, desde então, publicou duas dezenas de livros, entre romances, memórias, coletâneas de contos, de ensaios e de crônicas, além do infantojuvenil *A roda do vento*. Após lançar seus *Melhores contos*, pela editora Global, seu novo livro está a caminho. Trata-se de *A camisa do marido*, uma reunião de contos inéditos em que a escritora e imortal da Academia Brasileira de Letras se debruça sobre a complexidade das relações e dos sentimentos em torno do complexo núcleo familiar. O livro será lançado em 6 de novembro, durante uma sessão de autógrafos numa livraria do Rio de Janeiro. A seguir, os principais momentos da conversa, feita no apartamento da escritora.

Seu próximo lançamento é o livro de contos *A camisa do marido*. Você já fez belíssimas incursões pelo formato, como em *O calor das coisas*, *Tempo das frutas* e aquele que, pessoalmente, me marcou mais, *Sala de armas*, em especial o conto “Colheita”, para mim uma pequena obra-prima, em que você tece uma metáfora da condição da mulher e da relação do mundo com a voz feminina. O que podemos esperar de *A camisa do marido*?

Estou quase dizendo que esperem (risos). Meu editor, Carlos Andreazza, está fascinado com a violência dos sentimentos, com a violência das relações humanas no livro. E quem acabou de fazer uma apresentação pequena, mas brilhante, foi a Lya Luft. O livro seria maior, mas cortei alguns contos de propósito. Eu quis me fixar no núcleo familiar. A família, afinal, é a sociedade. Eu falo do fracasso e dos desacordos das relações, do depauperamento das realidades e, ao mesmo tempo, da coragem de revelar sentimentos áduos, duros, primitivos... Há uma tonalidade primitiva em muitos contos. Acho muito importante ser capaz de conjugar esse lado primitivo dos sentimentos, que, de verdade, pautam as sociedades cosmopolitas, que pensam que estão ausentes disto e não estão. Ninguém está protegido. Nenhum véu, nenhum enigma nos protege da nossa própria brutalidade afetiva.

Nélide, nos conhecemos há anos e sempre tive curiosidade em lhe fazer uma pergunta: em que momento exatamente surgiu o seu primeiro impulso de escrever?

Eu acho que surgiu quando comecei a ler. Porque o livro tem uma dinâmica tão extraordinária quando você, sobretudo, é pequena, que te alça a uma categoria de exceção. Então eu me sentia uma pequena heroína, alguém capaz de singrar os mares. Eu me imaginava o Sinbad, eu sempre me imaginei uma

ENTREVISTA | NÉLIDA PIÑÓN

aventureira, porque eu queria desfrutar das sensações que os aventureiros narravam nos livros. Tendo em vista, então, essa situação de prazer que a leitura me propiciava e, sobretudo, me animando a ser uma outra pessoa, a aderir ao corpo do outro e ser uma aventureira, decidi que também deveria escrever para sentir as emoções do autor. Porque eu supunha que o autor tinha vivido tudo o que ele contava. Tudo começou aí: a minha ânsia em relação à literatura e o meu enamoramento pela narrativa.

Uma história muito interessante é a que cerca a publicação do seu primeiro livro, *Guia mapa de Gabriel Arcanjo*. Conte um pouco a respeito.

Pela minha formação intelectual e familiar, eu oscilava muito entre leituras libertárias e até libertinas, por assim dizer, porque eu tinha acesso a qualquer tipo de literatura. E, ao mesmo tempo, tinha uma boa formação teológica para a minha idade, por ter estudado em colégio alemão de freiras beneditinas e também por vir de uma família de cunho religioso. Eu era muito atraída pelo pecado no que ele buscava tangenciar a realidade. Sentia que o pecado não era o pecado que merecesse a condenação. Era o pecado que você o praticando se transformava em uma via de liberdade. Então, eu criei uma personagem feminina atrevida — eu já era uma feminista sem saber —, a Marie-la. Ela se dá conta de que o pecado é um transtorno para a liberdade do ser humano. Há um grande debate teológico e poético entre essa voz feminina e um anjo, que de certo modo, é engolfado pela voltagem poética e pelos debates teológicos da moça. Acho que nesse livro exercito uma liberdade poética sem limites, porque eu estava à margem de todo o sistema literário, não convivia com escritores. Então, fiz esse meu livro sem pensar nas consequências. A estética não pautava as minhas decisões esté-

ticas. A estética estava onde devia estar no texto e na minha paixão de averiguar o que era compor uma história, o que era imprimir a essa linguagem uma suposta originalidade que o próprio texto exigia. A estética era uma exigência do texto e não uma exigência da escritora.

“Para você ser moderna, você tem que ser arcaica, você tem que ter frequentado as Argólidas gregas.”

De que forma o fato de você ter nascido no Brasil, vinda de uma família que emigrara da Galícia, afetou a sua produção literária?

Foi extraordinário, porque eu convivia com duas realidades. As pessoas, normalmente, convivem com os limites da sua casa. É difícil transbordar, passar para outros estágios dentro da sua própria casa. Então, eu convivia com comidas brasileiras e, ao mesmo tempo, comia polvo que chegava da Europa. Desde pequena escutava falarem da Galícia como uma terra que fatalmente eu iria conhecer; havia territórios fora do Brasil que eu teria obrigação de conhecer. Portanto, arrastava na minha sensibilidade, na minha imaginação e no meu imaginário, não só a Galícia, mas a Espanha, a Europa, e isso me levou muito cedo a entender os gregos, que são a minha paixão, os romanos, os hebreus, eu cruzava sempre todos os séculos e adorava saber como estavam os gregos no Século VIII a.C.,



como era o Oriente Médio neste mesmo período... Isso fez com que eu não aceitasse mais limites, me deu uma liberdade extraordinária. Um dos méritos do escritor, afinal, é reivindicar a liberdade no texto e no pensamento. E me deu também o sentimento de lín-guas porque vi como eu era antiga. Essa foi uma das maiores conquistas de ser filha da imigração. Daí um raciocínio que faço muito: para você ser moderna, você tem que ser arcaica, você tem que ter frequentado as Argólidas gregas, por exemplo, você deve ter convivido com Agamenon. Por isso que Homero é uma pessoa que eu amo.

Ainda sobre suas origens, vejo você como uma pessoa de cabeça aberta e um imaginário profundamente cosmopolita. É como se nada no mundo lhe fosse estranho. Essa vivência entre os dois lados do Atlântico contribuiu para isso?

Muito. É interessante que quando fiz minha primeira viagem à Galícia, pensei que minha ida era diferente da viagem do meu pai que, ao chegar ao Brasil no início da sua vida, perdeu metade do coração, pois uma parte ficou na Espanha. Eu, ao contrário, quando atravessei o Atlântico e lá cheguei pela primeira vez, ganhei corações que me faltavam. Tornei-me uma camponesa. Tenho, até hoje, uma sensibilidade aguda em relação ao campo. Sou uma mulher cosmopolita, mas a minha raiz essencial, que é um dos fundamentos da minha sobriedade, uma sobriedade que contrasta com a minha efervescência narrativa, é o fato de eu haver sido uma camponesa, de haver sido alguém que tinha como fundamento a terra, a colheita, o arado, as vacas, os animais eternos. Tenho uma nostalgia do eterno, de tudo que veio de muito longe e lá ficou, mas que vem para a minha contemporaneidade quando eu resgato. Sou responsável pela tarefa de resgatar imagens perdidas.

“Tudo começou aí: a minha ânsia em relação à literatura e o meu enamoramento pela narrativa.”

Como você enxerga a leitura no Brasil de hoje? Acredita que os brasileiros estão lendo mais, como se tem afirmado?

Não vejo isso. Talvez eu esteja equivocada, espero estar. O que vejo é um empobrecimento intelectual no cotidiano, na compreensão dos fenômenos humanos, na dificuldade de se exprimir. Há uma carência léxica muito grande. Mas sinto também, por outro lado, que há uma curiosidade intensa. E que talvez nós estejamos numa fase de formação que deveríamos ter tido muito antes. O Estado brasileiro foi irresponsável e de certo modo, nos manteve nessa apatia intelectual. A educação no Brasil é de extraordinária precariedade, portanto eu fico impressionada quando dizem que aumentou o índice de leitura. Talvez tenha aumentado o índice de curiosidade e as pessoas, devagar, estejam tentando ler aquilo que no início elas não entendiam. Porque a leitura tem um drama. Ela é tão extraordinária, ler é tão revolucionário, que modifica a sua cabeça, afeta o seu coração, alarga os seus sentidos, o seu sexo... Seu sexo enriquece muito mais com o erotismo da leitura. Talvez estejamos vivendo essa experiência única, estejamos nos dando conta do que é que nos faltava: era a leitura.

Qual a sua avaliação sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras? Um ponto polêmico: Machado de Assis, nosso grande mestre das letras, costuma ser mal recebido por alunos

nas carteiras escolares, que encontram dificuldades em mergulhar em sua obra. Como estudiosa e amante da literatura, o que você proporia para que as nossas escolas efetivamente formassem leitores com genuíno gosto pelos livros? Machado, com bons mediadores de leitura, seria uma alternativa?

Não. Eu não sou favorável a que antecipem os feitos e os fatos. Machado é o grande gênio brasileiro e tenho paixão por ele, mas ele exige uma sensibilidade intelectual muito apurada. Nós não podemos arriscar em estabelecer incompatibilidades entre os jovens leitores e Machado, senão eles vão odiá-lo pelo resto da vida, como nós, quando jovens, odiávamos análise sintática. Acho que tudo tem sua hora. Machado merece ser amado e não que se ponha sobre ele um estigma de autor impossível.

Um trecho de seu mais recente livro, *Livro das horas*, me impactou sobremaneira. Dele, destaco a sequência: “Habituei-me a sofrer dos demais uma avaliação estética que redundava em perdas, em desmoralização pessoal(...) Querem à força afugentar o leitor que se aventure a me ler”. Como é a sua relação com a crítica literária? Você enfrentou ou ainda enfrenta preconceitos na sua carreira?

Enfrentei muitos. Mas quero que saibam que digo isso sem ressentimento, sem mágoa. Foi a primeira vez (em *Livro das horas*) que mencionei isso em todas essas décadas. Vocês não de convir que fui muito discreta e muito reservada. Mas achei que era o momento de dizer, até para ajudar os jovens, mostrar como é necessário dar combate àqueles que tentam silenciar você. Porque o que sofri foi uma espécie de condenação ao silêncio, ao mutismo, para eu não continuar a escrever. Em compensação, tive estímulo de outras pessoas, que foram maravilhosas comigo. Talvez eu gere um certo incômodo por ser

mulher. Não querem aceitar uma mulher que seja capaz de fazer uma obra séria, de labor intelectual sério e que tenha competência literária. Ainda hoje é difícil para as mulheres serem reconhecidas. Condenar uma obra ao hermetismo é a melhor forma de calar você para sempre se você for fraca.

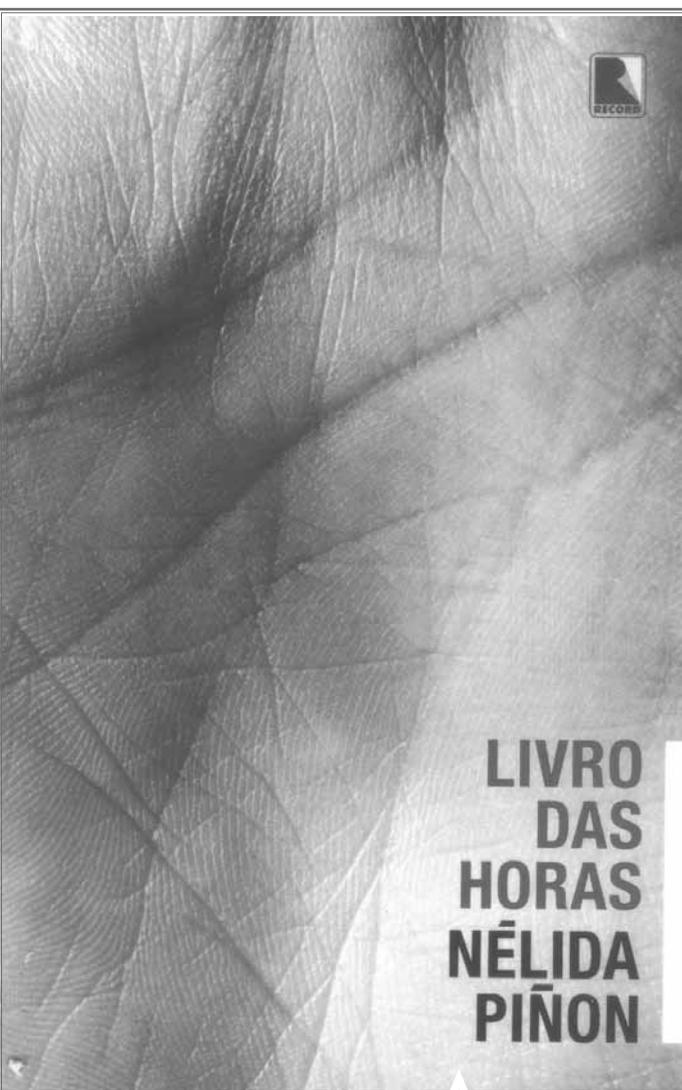
Você é uma escritora bastante celebrada no exterior, com obras traduzidas para vários idiomas, além dos muitos prêmios que recebeu, como o Juan Rulfo e o importante Príncipe de Astúrias. A literatura brasileira ainda sofre para ser mais conhecida além das nossas fronteiras?

Sem dúvida. Nós temos, de vez em quando, pequenas euforias, autores nossos que pensam que estamos conquistando algo, mas o fato é que ainda somos periféricos. Quem conhece bem o mundo europeu, o mundo americano, conhece bem os grandes tabloides, os grandes suplementos literários, vê que nós quase não aparecemos. Não deixamos ainda uma marca profunda, extensa, transformadora no mundo.

A que você atribui isso?

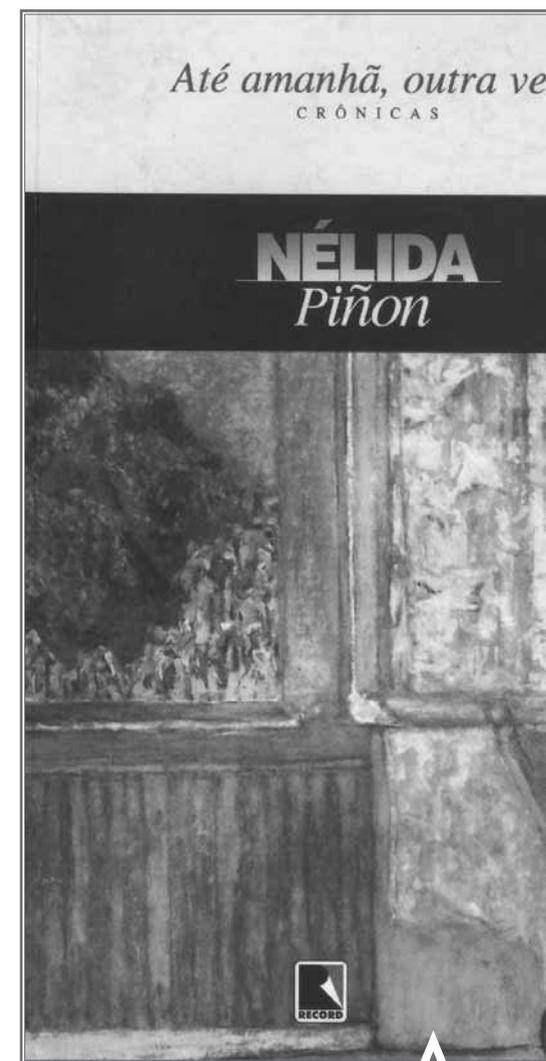
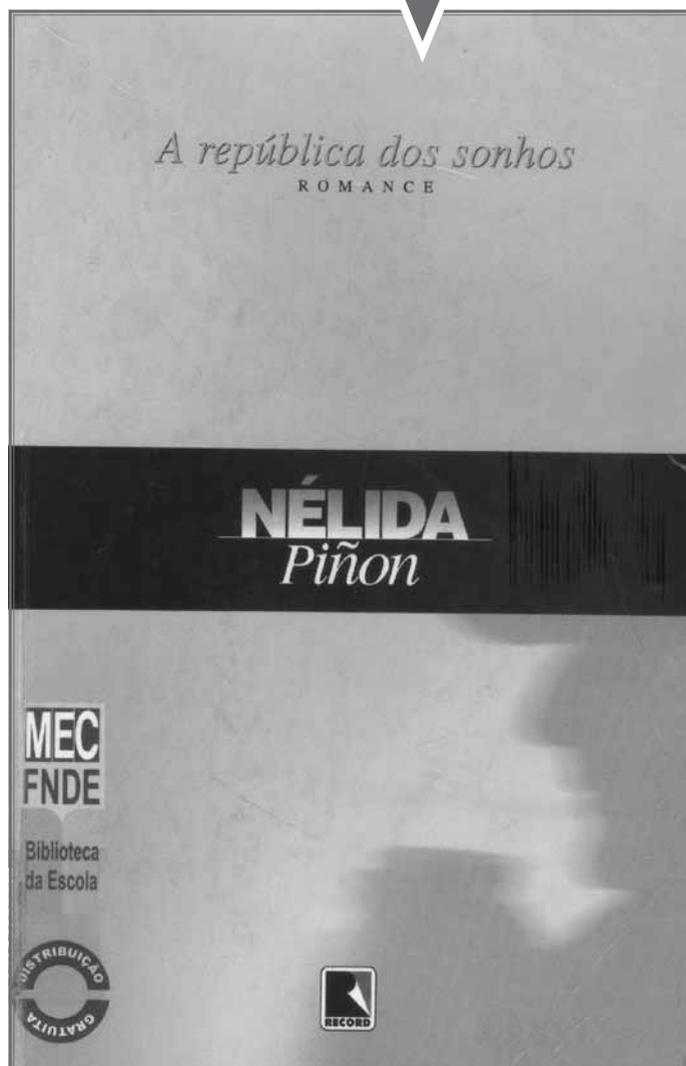
Primeiro, à língua portuguesa, que é muito menos estudada e conhecida do que o espanhol, por exemplo. O espanhol é uma língua que transita pelo mundo inteiro. Já há muito o grande gramático Nebrija dizia que os espanhóis eram conquistadores também na língua. Além disso, houve sempre um trânsito muito intenso entre o mundo hispânico nas Américas e Madri. Madri tinha grande prestígio intelectual, de modo que os escritores jovens tomavam o rumo da Europa. Em Madri eles encontravam língua espanhola esperando por eles encarnada numa figura histórica e eram acolhidos. Tanto que você vê que o movimento modernista de língua espanhola nas Américas ocorreu muito mais cedo do que o brasileiro. ■

ENTREVISTA | NÉLIDA PIÑÓN



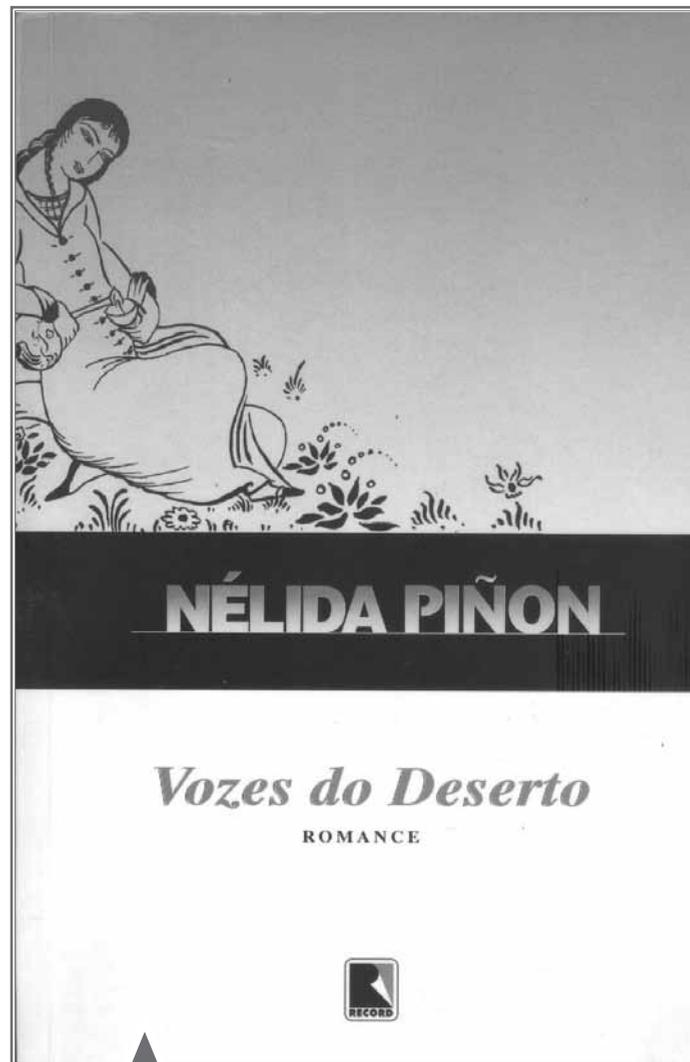
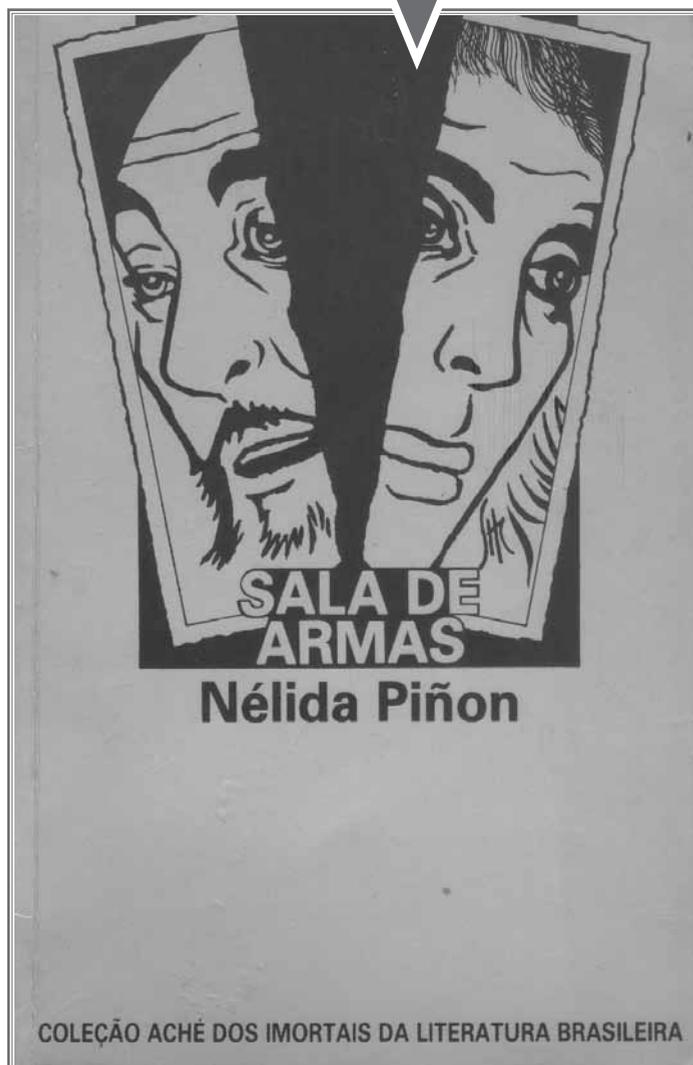
Lançado em 2012, *Livro das horas* mistura memória, autobiografia e ensaio. Nélda revive memórias afetivas que emergem a partir de um vertiginoso turbilhão de lembranças e emoções. E a cada página lida fica claro ao leitor que independente de sua vivência ou da riqueza de suas lembranças, sua história de amor sempre foi uma só: com a palavra.

Um dos livros mais conhecidos de Nélda Piñón, *A república dos sonhos* foi lançado em 1984. No romance, a autora busca em suas raízes galegas inspiração para criar uma saga sobre os imigrantes que aportaram no Brasil na virada do século. A vida de Madrugá, camponês que deixa a Galícia para embarcar num navio para o Rio de Janeiro, descreve uma trajetória de êxitos e fracassos que frequentemente põem à prova os ideais do personagem.



Mais conhecida por seus romances, Nélda também fez incursões bem-sucedidas ao conto e à crônica. Em *Até amanhã, outra vez* (1999), a escritora reúne crônicas publicadas na grande imprensa. Os textos trazem reflexões e confidências de Nélda, que, partindo de detalhes absolutamente banais, conduz o leitor por caminhos inesperados. Os temas são os mais diversos: Bill Clinton, clones do futuro, B.B. King, o mito Kennedy, Joãozinho Trinta, prazeres da mesa e cidades européias, entre outros.

Sala de armas (1973) reúne 16 contos de Nélide Piñon numa narrativa que mescla a realidade e o sonho. Nessa atmosfera onírica, os contos fletam com o realismo fantástico, levando o leitor a passar por diversos aspectos da vida humana, de maneira ao mesmo tempo grotesca e refinada.



Vozes do deserto (2004) mostra o papel que uma mulher transgressora pode desempenhar em uma sociedade patriarcal. Através de uma narrativa envolvente, Nélide acompanha a história de Scherezede, a jovem mais brilhante da corte, que, para salvar as jovens do reino das garras do poderoso Califa, decide casar-se com ele. Filha do Vizir, que devia servidão ao poderoso monarca, ela não acredita que o poder do Califa possa determinar o fim de sua imaginação.

Antonio Candido está inteiraço

O jornalista **Alexandre Gaioto** visita o professor **Antonio Candido**, que aos 96 anos avisa: “O crítico literário tem, sim, que falar mal”

André Ducci Ilustrações

Não para de entrar gente no boteco. Quem fala no celular já vai encerrando a conversa e dá logo um jeito de arranjar um lugar no balcão, praticamente lotado, em frente à TV: todos os clientes e os funcionários do bar estão hipnotizados. Há um silêncio sacana para ouvir cada sílaba de Lola Benvenuti (ó cantatas de Bach! ó redondilhas camonianas! ó hexâmetros órficos da Grécia heroica!), a gloriosa bacharel em Letras que trabalha como acompanhante de luxo. Confortavelmente sentada numa cama de motel, Lola conversa com uma dessas apresentadoras quarentonas e dá detalhes sobre o seu primeiro livro, baseado em suas aventuras sexuais. Ali no bar, a poucos metros do apartamento de Antonio Candido, literatura e sociedade se esbarram às 16 horas de uma sexta-feira ensolarada. É hora de pagar as cervejas e ir ao encontro do mestre. Debaixo do braço, levo meu exemplar de *Literatura e sociedade* (1965), um de seus livros mais conhecidos, para ser autografado — e, quem sabe, testemunhar uma aula do Candido.

Sei que o crítico evita entrevistas. Também não dá as caras facilmente em eventos públicos — e, quando dá, é

aquela correria danada atrás de ingressos, inscrições ou para dar algum jeito de vê-lo ao vivo. Quando Candido foi à minha cidade, pela primeira e única vez, eu ainda nem era nascido. Ele deu uma conferência antológica na UEM (Universidade Estadual de Maringá), em 1987, sobre o papel da literatura brasileira no contexto latino-americano. Até hoje, nos corredores do departamento de Letras, ecoam histórias sobre aquela palestra, acompanhada por 250 sortudos que lotaram o auditório da universidade. “Estávamos todos emocionados. O que mais me surpreendeu foi a humildade dele. Disse até que não se considerava um conferencista. Imagina?! Considerava-se, acima de tudo, um professor”, recorda a professora Alice Áurea Penteadó, da UEM.

Vinte e sete anos depois que Antonio Candido esteve em Maringá, chego à portaria do prédio do professor. “Sou estudante e vim do Paraná só para conhecê-lo”. O porteiro interfona para o apartamento e já vai abrindo o portão: “O professor já vai te receber. Pode esperar ali”, indica o funcionário, apontando para o sofá branco, próximo ao elevador do prédio.



ATÉ ACAMPAMENTOS

“O professor é muito querido por todos nós aqui do prédio”, comenta outro funcionário, que me acompanha até o sofá. Ele mora sozinho desde que sua esposa, Gilda de Mello e Souza, faleceu em 2005, em decorrência de uma embolia pulmonar. Recluso, raramente sai do apartamento. Quando sai, é sempre pela garagem, discretamente, com alguém da família buscando-o de carro. A família, aliás, está sempre por perto. “Hoje, se eu não me engano, é uma das netas que está aí”. Longe do público e dos eventos literários, são leitores que precisam se deslocar até Candido. “Todo mês aparece algum estudante por aqui. Ele recebe todo mundo, conversa, assina os livros. Teve até o caso de um rapaz que veio do Norte. Surgiu aqui no prédio bem no final de semana em que o professor estava viajando. Daí ele tinha uma barraca e ficou acampado aqui em São Paulo. O professor, quando voltou da viagem, fez questão de atender o rapaz. Você vai ver: é um homem muito simpático e engraçado”, adianta o funcionário.

Enquanto o sujeito continua falando sobre o ilustre morador, vou sentando no sofá. Se eu tivesse quase cem anos, levaria um século para descer até a portaria do meu próprio prédio. Mas só espero cinco minutos até o elevador abrir a porta. E tomo um baita susto com a jovialidade do elegante senhor que, a passos céleres e firmes, caminha ao meu encontro.

“Então o senhor veio de Maringá?”, indaga Antonio Candido, abrindo um sorriso amigável e estendendo-me a mão. “Estive lá há quase trinta anos, para uma palestra. É uma cidade maravilhosa, mas muito quente”, comenta com uma risada.

A pedido dele, vamos sentando no sofá. Candido veste tons sóbrios. Calça, blusa e sapatos, tudo cinza. Digo que li uma porção de seus livros e que o cito

diversas vezes em minha tese de Mestrado. Ele abre um sorriso: o famoso farto bigode.

“Fico muito feliz em ser lembrado pelos jovens. Sobre o que é a sua tese?”

“Sobre Dalton Trevisan.”

“Ah, o Dalton! Ele merece, é um grande escritor. Conheci Dalton Trevisan em 1957, no Congresso de Escritores Brasileiros em Minas Gerais. Ele ainda era muito jovem e surpreendentemente engraçado”, recorda, exibindo sua memória certa.

Ao Candido, comento que seu *Na sala de aula* (1985) foi um dos livros mais empolgantes que li durante o curso de Letras. E que a análise primorosa feita por ele sobre o poema “Meu Sonho”, de Álvares de Azevedo, mudou a forma como eu, até aquele momento, me debruçava sobre a literatura. Pergunto, então, o que um jovem crítico literário tem que fazer para se dar bem nesse mundão.

“Quem quiser ser crítico literário tem que ler muito e passar a comparar, mentalmente, os livros: isso já é uma crítica literária. Quando eu era jovem, escrevia descompromissadamente minhas anotações, em cadernos, sobre os livros que lia. Mais tarde, essas notas de leitura foram extremamente importantes para mim. E passei a escrever muito naturalmente. Tomar notas de leitura, portanto, é fundamental. No meu tempo, as pessoas liam muito os estruturalistas, todos os nomes ligados à ‘nova crítica’. Todos liam Roland Barthes, mas não liam Machado [de Assis], *Dom Casmurro*, não liam Eça [de Queirós]: isso não funciona. Isso é crítica pela crítica. É preciso ler literatura, porque ela vai impregnando. Outra coisa importante: o crítico tem de ler seus próprios textos”, aconselha.

“E é difícil ser um intelectual no Brasil?”, questiono.

“No Paraná, vocês tiveram um grande crítico, o Wilson Martins. Pessoalmente, o conhecia pouco. Ele era muito talentoso.”





“Quem quiser ser crítico literário tem que ler muito e passar a comparar, mentalmente, os livros: isso já é uma crítica literária.”

Com sua humildade de sempre, Candido dispara:

“Não me considero um intelectual. Sou mesmo um professor. Nem crítico literário me considero. Acho que, falando, consigo expor melhor as minhas ideias”, comenta.

Lembro que ele mesmo já admitiu certo arrependimento ao criticar veementemente Oswald de Andrade, opondo-se, principalmente, à segunda fase do ficcionista. Pergunto, então, se, hoje, Candido se arrepende de ter criticado algum outro autor. E a resposta vem ligeira, sem hesitações.

“Claro que me arrependo. Eu era,

sim, um crítico severo. Se achava o romance ruim, escrevia uma crítica negativa. Um dia, depois que critiquei um autor, me avisaram que ele havia comprado uma bengala para me dar uma sova. Fiquei um bom tempo com medo”, comenta, com uma boa gargalhada. “Mas isso é essencial: o crítico literário tem, sim, que falar mal”, defende.

GRANDE WILSON

“No Paraná, vocês tiveram um grande crítico, o Wilson Martins (morto em 2010, em razão de complicações cirúrgicas). Pessoalmente, o conhecia

pouco. Ele era muito talentoso. O país inteiro estava, e ainda está, produzindo coisas interessantes, embora eu não leia tudo, evidentemente: fico sabendo por meio das notícias”, diz.

Recluso dos leitores, dos alunos e da mídia, Candido também se mantém distantes dos autores contemporâneos. Quem perguntar a ele sobre a ausência de personagens fortes na atual literatura brasileira — ou qualquer outro tema sobre a ficção de agora — sairá de mãos vazias: “Sou incapaz de ler o romance moderno. Só leio coisas do passado, e meu atual ritmo de leitura é muito lento. Não arriscaria uma resposta sobre isso”.

Embora tenha escrito cerca de duas dezenas de livros teóricos, Candido revela que, em momento algum, sentiu vontade de escrever ficção. “Nunca quis escrever um conto ou um poema. Nunca quis ser um ficcionista. Nunca nem esbocei qualquer ideia de romance.”

O TAL TAXISTA

Autor de clássicos como *Formação da literatura e brasileira* (1975) e *O estudo analítico do poema* (1987) — referências básicas para qualquer estudante de Letras —, o professor revela ter, finalmente, encerrado sua produção. “Há 30 anos, Alexandre, tomei um táxi. Quem dirigiu foi um motorista muito inteligente. E ele me disse assim: ‘Gente é feito remédio. Tem prazo de validade’. Então, comecei a ver que meu prazo de validade já tinha vencido. Eu já estava ultrapassado. Hoje, reconheço: sou incapaz de escrever outro livro.”

“E quanto à literatura, depois de tantos clássicos e tantas obras iconoclastas, ainda é possível escrever algo inovador?”, questiono.

Sorrindo, o último sobrevivente de toda aquela turma de 1922 não perde a esperança. “Ainda é possível, sim. É como uma epidemia de gripe: de repente, surge tudo de uma só vez. Os períodos de inovações

são necessários, senão a literatura se esclerosa”, diz.

Estou feliz à beça. Consegui, finalmente, uma aula com Candido. Ali está o mestre, falando sobre tudo. Música, então? É com ele mesmo.

“Você gosta de Bach, Candido?”

“Ouvi pouco Bach. Dele, o que ouvi muito foram os ‘Concertos de Brandenburgo’. Eu tinha uma grande coleção de LPs e o que eu gostava mesmo era de Mozart, que hoje todo mundo fala Mòzart. Também ouvi bastante Haydn, Chopin, Debussy, Ravel, além da música popular brasileira, as valsas brasileiras e as músicas regionais”, comenta.

O ROCKERROU

“E o rock, Candido?”

“Ah, o rock nunca chegou até mim.”

Enquanto peço uma dedicatória numa edição novinha de *Literatura e sociedade* — todos os outros livros dele, em casa, rasurados para danar —, pergunto a Candido como ele quer ser lembrado daqui a quarenta anos. Ali, cara a cara, ele não esconde o sorriso irônico: “Eu não faço questão de ser lembrado. Quero é que me esqueçam”, diz o professor, enquanto assina a obra.

Ao entregar a dedicatória, já rapidamente se levantando do sofá, ele me pergunta: “E você sabe que eu já tenho quase cem anos, né?”

Aquilo soa estranhíssimo. Porque Candido está inteiraço. Algo extremamente louvável, glorioso, feérico. Poder da literatura? Vá saber.

Antes de ir embora, Candido agradece a visita, estende a mão e me dá a bênção final:

“Boa sorte com a sua defesa do Mestrado, Alexandre. E muito obrigado pela sua visita.”

Com passos firmes, o professor caminha até o elevador. Lá se vai o farto bigode. Embora se esconda de todos nós, no coração da Pauliceia Desvairada, ele sabe de nossa eterna gratidão: somos todos discípulos de Candido. ■



PERFIL DO LEITOR | JULIANA STEIN

Eterno retorno

Rerler frequentemente os livros que marcaram sua trajetória é um dos hábitos da fotógrafa, representante do Brasil na Bienal de Arte de Veneza em 2013



OMAR GODDY

No cômodo que serve de escritório em seu apartamento, a fotógrafa Juliana Stein mantém pequenos quadros de avisos rabiscados com frases. São trechos marcantes dos livros que ela lê e, mais tarde, podem ser incorporados de alguma forma ao seu trabalho. “Preciso tirar alguma coisa de tudo o que eu leio, mesmo que seja de uma literatura considerada de entretenimento”, diz a artista gaúcha de 44 anos, radicada desde os 15 em Curitiba.

Conhecida no cenário da fotografia brasileira contemporânea por expor um lado mais fragmentado e ambivalente da realidade, Juliana já mostrou suas séries de imagens em cerca de 10 países. Em 2013, foi a única representante brasileira no Pavilhão da América Latina da Bienal de Arte de Veneza. Neste ano, já esteve no Rio de Janeiro, Alemanha e Uruguai. “Não gosto de viajar, faço por obrigação. Mas é o momento perfeito para ficar sozinha e ler com tranquilidade. Quando estou em casa, com meus dois filhos, preciso me esconder no banheiro para ler”, conta a fotógrafa.

Seus livros de cabeceira são coleções de ensaios e artigos que ela relê frequentemente ao longo dos anos. Especialmente os livros do filósofo italiano Giorgio Agamben e do psicanalista brasileiro Hélio Pellegrino. Do primeiro, Juliana destaca *Profanações* (2005), marcado por reflexões sobre a relação do indivíduo com a religião, o poder e a imagem, entre outros temas. Do segun-

do, *A burrice do demônio* (1988), apanhado de colaborações de Pellegrino para a imprensa, em que ele trata de problemas ainda atuais.

Outra presença constante nas estantes da casa é a do também psicanalista MD Magno, fundador do movimento Nova Psicanálise, no Rio de Janeiro, e autor de mais de 30 obras. “Gosto de textos mais realistas, que abordam os grandes temas a partir da leitura das pequenas coisas do dia-a-dia”, explica Juliana, formada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ainda no campo ensaístico, “papas” como Benjamin, Barthes, Foucault e Merleau-Ponty também aparecem em sua biblioteca.

Isso não significa que a ficção não faça parte de suas leituras, ainda que ela admita ter pouca paciência para o gênero. Franz Kafka (“Leio repetidamente o conto ‘Um artista da fome’”), Edgar Allan Poe (“Histórias fantásticas, mas ao mesmo tempo carregadas de elementos muito reais”) e Clarice Lispector (“O primeiro livro que realmente me tocou foi *A descoberta do mundo*”) são alguns dos autores citados pela fotógrafa.

Outra obra marcante para ela é *1984*, de George Orwell, que leu no início da adolescência, ainda em Passo Fundo, cidade gaúcha em que nasceu e viveu até a mudança para Curitiba. “Lembro que esse livro me arreventou por dentro, porque até então eu nunca tinha lido algo que fizesse tanto sentido. Talvez eu tenha me identificado com os personagens e sua sensação de que não teriam futuro. Eu morava, literalmente,

no meio do mato, e realmente achava que não teria nada pela frente a não ser aquela vida que conhecia”, afirma a artista, filha de filósofos.

Já a poesia não faz muito a sua cabeça, ainda que seus trabalhos sejam considerados poéticos pelos críticos. Pelo menos não a poesia propriamente dita. “Não costumo ler poemas, mas me interessa por ensaios carregados de elementos poéticos, como os do Giorgio Agamben. Sobre isso, aliás, o [poeta, ensaísta, publicitário] Décio Pignatari sempre citava uma frase: ‘Na poesia o que importa não é a poesia.’”

Casada com o publicitário e escritor Antonio Cescatto, Juliana confessa que o casal raramente lê os mesmos livros. “Ele, sim, é um leitor voraz. Não leio tanto e tão rápido assim. Mas passo o dia inteiro olhando as lombadas e lendo as orelhas dos livros dele. Não resisto, é quase uma obsessão”, diverte-se.

Dois dias depois de conversar com a reportagem do **Cândido**, a fotógrafa partiu para a Bienal de Montevidéu. Levou na bagagem, um livro do psicanalista e autor britânico Darian Leader traduzido para o italiano — idioma que ela aprendeu em Florença e Veneza, onde estudou Artes durante dois anos. “Também me viro um pouco no francês, no inglês, no espanhol. Gosto de ler em outros idiomas, mesmo não entendendo tudo. Porque você é obrigado a entrar num mundo do qual jamais vai pertencer e precisa lidar com isso. As pessoas acham que vão pertencer a uma determinada cultura se aprenderem a língua, mas isso nunca acontece de verdade”, afirma. ■

Edição fac-similar do Nicolau já está circulando

Distribuído a todas as bibliotecas públicas do Estado e a ex-colaboradores, o suplemento cultural *Nicolau*, editado entre 1987 e 1996, também pode ser acessado e baixado no site da BPP

DA REDAÇÃO

nicolau



a

alberto puopi geraldo leão décio pignatari roti turin mário quintana sossella
every giller reynaldo jardim josé lino grünewald manóel de Barros leminski key
chase-sardi josely vianna baptista arnaldo antunes ademar assunção rita brandt
glauco mattoso luís dolzhnikoff rodrigo lopes marise manóel cortiano guinski eron
toni ramos wilson bueno nilson monteiro dalva ventura milton ivan paulo marins
macacheira zé augusto ribeiro marianna camargo eliane sato dimas floriani tako
rui marcelo sutil lillian rothert ricardo guilherme dicke cid destefani titãs
simone struminski luiz geraldo mazza vilmar nascimento amilton paulo de oliveira

ano II - nº 18

imprensa oficial do estado do paraná secretaria de estado da cultura

A Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC) colocou em circulação a edição fac-similar do *Nicolau* — suplemento de cultura que circulou de 1987 a 1996. A reedição dos 60 números, acondicionados em três caixas projetadas pelo designer Osvalter Urbinati, é resultado de um trabalho de mais de dois anos da equipe da Biblioteca Pública do Paraná. Com tiragem de 2 mil exemplares, o fac-similar será distribuído a todas as bibliotecas públicas do Estado, instituições culturais do Paraná e do Brasil e aos colaboradores do *Nicolau*.

O público pode ter acesso ao *Nicolau* por consultas ou empréstimo em bibliotecas, incluindo a BPP. As três caixas (com 60 exemplares) estão sendo vendidas por R\$ 50 na direção da Biblioteca Pública do Paraná. O dinheiro arrecadado com a venda será revertido em atividades para o público infantil e infantojuvenil da BPP. Os 60 números do suplemento cultural também podem ser acessados, e baixados, de graça no site da BPP (www.bpp.pr.gov.br).

“A ideia de reimprimir o *Nicolau* surgiu do fato de que ele foi e ainda é um espelho da cultura contemporânea, paranaense em particular e brasileira em geral, e um canal de difusão dos múltiplos pensamentos que, enfim, se revelavam pós-ditadura. Ficou uma lacuna desde que ele parou de ser editado, em 1996, então decidimos pela reedição fac-similar para colocar o jornal de volta em circulação. *Nicolau* contribuiu para inserir o nome do Paraná, como Estado de tradição cultural, no circuito da cultura brasileira”, afirma o secretário de Estado da Cultura do Paraná, Paulino Viapiana.

Fruto da iniciativa de um grupo formado por nomes como Josely Vianna Baptista, Adélia Maria Lopes, Wilson Bueno (1949-2010) e Luiz Antônio Guinski, *Nicolau* abriu espaço para a produção poética e de ficção brasileira.

nicolau



john donna paulo leminski dário veloso thomas more rosário rogerio de felias mourão
 haroldo de campos alberto puppi helena kolody joba tridente gerardo lobo guilherme mansur
 luciano alves vesturgo gonçales reza dotta pieta paulo luiz barbosa elio almeida eoca leite
 novojo baby armando ribeiro nelson faria wilson martins pugliesi anita pugliesi maravalhas
 leopoldo sobrinho leonilda rodrigo marinho rodrigues marco newton stáviez ariano marques kay
 carlos de aquino sérgio moura alicia riza melida pillos adelia lopes cassiana carollo tadeu
 francisco camargo jemi snego massakura tara rossini amilton de oliveira psycos rita d'arant
 fernando colim guilherme emery giles richard bishop roberto grande osvaldo betencio merdes
 alexandre ovelho sumbyla ill miranda alberto puppi maria angela biscaia rossana quimadas
 marly de oliveira andson pereira lídia sant'anna lilian rodrig'oliveira ococho silveira
 agrinho baek emiliano peretta wilson bueno rodrigo garcia lopes joozely vianca baptista



ANO III — Nº 24
 SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
 IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

nicolau



nicolau

secretaria de estado da cultura
 departamento de imprensa oficial do paraná
 ano IV — nº 31

marilo rubião carlos stillo mitsuko kawai américo vermelho edgar yamagami
 massuda diane alighieri mascareira ulijano bozerra de meneses marcos prado bond
 thadeu wojciechowski wilson bueno jozé paulo pasz antonio paulo ikkin luiz canabruva
 joaquim redig tukat marcelo camacho ivens fontoura eduardo jozé d'aroz leonie todeschini
 gustavo bonfim eduardo barroso valéria london jonard muniz de brito sérgio viralobos
 massaharo ivan macedo adélia maria lopes noemi perdigão joyce mário bortoloto
 luiz stanghen cambé ruy wachowicz fernando karl marcelo trevisan virginia kismann
 osvaldo duarte morto paxão sérgio domingos elizabete maui josiane
 paulo maikonardo fernanda motta icarozdo estela sandrini

Paulo Leminski, Ferreira Gullar, Dalton Trevisan, Milton Hatoum e Sérgio Sant'Anna, entre outros, foram alguns dos muitos autores que publicaram no jornal editado pela SEEC.

Além de inéditos, *Nicolau*, coordenado na maior parte de seu percurso pelo escritor Wilson Bueno, também publicou conteúdo jornalístico, como reportagens, resenhas de livros e entrevistas com grandes nomes da cultura, como Jorge Luís Borges, Helena Kolody e Luiz Carlos Prestes.

O diretor da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), Rogério Pereira, afirma que essa reedição fac-similar é de fundamental importância para viabilizar o acesso a um jornal muito procurado por pesquisadores, estudantes e leitores na BPP. “Havia poucos exemplares do *Nicolau* disponíveis para consulta. Com essa reedição, recuperamos um conteúdo que pode ser revisitado e também ser

uma descoberta pelas novas gerações”, diz Pereira.

O secretário Paulino Viapiana destaca que, além da participação de poetas, prosadores e jornalistas, o *Nicolau* também se tornou conhecido pela qualidade gráfica. “Luiz Antonio Guinski, idealizador do projeto gráfico, Rita Solieri, Nelson Bond e Joba Tridente foram alguns dos designers responsáveis por, ainda hoje, o *Nicolau* ser referência em programação visual”, completa Viapiana. ■

SERVIÇO

Reedição fac-similar dos 60 números do jornal *Nicolau*, publicado originalmente de 1987 a 1996 pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Tiragem: dois mil exemplares. O fac-similar (60 exemplares em três caixas) será distribuído para bibliotecas e entidades culturais e também poderá ser adquirido por R\$ 50 (cinquenta reais) diretamente na Biblioteca Pública do Paraná. Mais informações (41) 3221-4951 e/ou imprensa@bpp.pr.gov.br

CURITIBA, 23 DE JULHO DE 2013



Foi no dia 23 de julho de 2013. Lembro-me disso não porque fosse um destes aficionados por nomes, datas e horários, ou porque tivesse um calendário às mãos quando isso aconteceu. Mas sim porque foi um floco de neve a primeira coisa que senti bater em meu rosto depois disso, depois que Ana me deixou.

Naqueles dias, nos dias que se antecederam a este, eu andava querendo sair às ruas e encontrar inspiração para escrever alguma coisa definitiva como uma música de Caetano ou Chico Buarque. Mas como, sendo curitibano? Curitiba só oferece a cor nublada dos seus dias cinzas. Eu não tinha, como Chico e os cariocas, uma mulher a fazer tudo sempre igual, dizendo estas coisas que diz toda mulher. Depois de oito anos eu havia me tornado um estanho para ela. E ela, como curitibana, não falava com estranhos. Então passávamos a maior parte do tempo calados. O máximo que podia acontecer comigo era tropeçar nos poemas-paulo de Leminski, nas canções-ruiz de Alice, nos contos-trevisan de Dalton, nos livros-tezza de Cristovão ou nos Jabutis dessa gente toda. Mas eis que, no dia 23 de julho de 2013, é do céu e desta eterna nuvem cinza que me vem esta história. Definitiva como eu queria. Definitiva como uma música de Caetano Veloso — ou como uma crônica de Nelson Rodrigues.

Era Curitiba, era frio e eram oito horas da manhã. Eu sabia que nosso relacionamento de oito anos estava para naufragar — embora eu não quisesse. Há alguns dias vinha me preparando

Nicholas Pierre Ilustrações

para o pior — embora eu não quisesse. Era na hora de dormir e na hora de acordar o medo do abandono. Na hora de dormir, com medo que fosse abandonado. Na hora de acordar, com medo que já tivesse sido.

A previsão de neve naquele dia era para as oito horas. Coloquei o relógio para 7h45, porque não queria perder o início do espetáculo (mal sabia que o protagonista seria eu). Mesmo assim, deixei a cortina aberta para o caso de o espetáculo já haver começado. Às 7h45min, pude ver pela fresta da janela uns pingos muito finos de chuva que já se confundiam com minúsculos flocos de neve. Ainda sem olhar para o outro lado, o lado de Ana na cama, estiquei direito o braço para trás e apalpei o outro lado, o lado de lá da cama de Ana. Desde pequeno, tinha esse medo absurdo de ser abandonado por aqueles que amava durante a madrugada. Primeiro a mãe, agora Ana. E naquela manhã de 23 de julho, meu coração palpitou mais ao fazer o gesto: ela não estava lá.

Virei-me rapidamente, esqueci os flocos da neve e comecei a procurar remexidamente por entre as dobras do lençol algo, alguma coisa, alguém que desse conta daquele sumiço. Revirei, revirei e revirei. E ao revirar-me, percebi que os lençóis estavam quentes. Fosse o que fosse que tivesse acontecido — um abandono, uma morte ou uma angústia —, ela não teria ido muito longe. “Os lençóis estão quentes”, repeti antes de sair procurando no banheiro. Não estava. Na cozinha. Não estava. Saí porta afora do meu apartamento, desci as escadas

correndo e chorando, correndo e chorando, correndo e chorando, correndo e chorando. Perguntei ao porteiro: cadê a Ana? Ele disse: “Ana está nevando”. Achei de uma poesia aquilo: “Ana está nevando”... Mas não havia tempo de pensar sobre a poesia das coisas. Saí porta afora do meu prédio, subi correndo a Comendador, procurando... Ana! De repente... Ela! Na esquina da Brigadeiro Franco, pegava um punhado de flocos de neve, jogava para o alto, deixava cair no próprio rosto e ria, ria, ria. Ria com um sorriso lindo que só ela tinha. Pegava um floco, jogava, caía e ria. Eu olhei para aquilo, para a imagem daquela mulher linda brincando na neve feito criança, e meu ideal de vida perfeita novamente sorriu para mim. Me aproximei. Ela continuava me olhando e rindo. Até que, de repente, parou. Se aproximou e parou. Estávamos, a esta altura, em frente à Tabacaria. “Come chocolates, pequena, como chocolates”, pensei. Mas não falei. Antes que concluísse o poema em pensamento, a voz de Ana cortou o ar, mais fria que a neve. Parou, me olhou e disse:

— Está vendo esta neve?

(Era uma pergunta retórica, não precisava de resposta. Era claro que eu estava vendo, eu não era cego nem nada e ambos sabíamos disso.)

— Se ela for farta, contundente, robusta, como deve ser o amor, caindo tanto ao ponto de preencher de branco o preto e o branco destas pedras portuguesas, prometo que fico com você para sempre. Mas, ao contrário, se ela continuar assim parca, sofrível, miserável como

anda a nossa relação, eu vou para nunca mais voltar.

Eu não podia acreditar no que meus lábios ouviam — sim, a essa altura era com os lábios que eu ouvia. Nem Dalton Trevisan seria capaz de tamanho sortilégio. Condicionar a continuidade ou não de um relacionamento a uma intempérie climática, fazendo nisso uma analogia miserável com o amor? Quanta banalidade, meu Deus!? Quanta superficialidade! Quanto desprezo por uma história! Nem Leminski seria tão vil! Sabia ela que nevaria pouco e, por querer partir, aproveitou a piada ou, ao contrário, queria poder ficar e, como não soubesse o que fazer, ligou uma roleta russa antroposférica para lançar a sua sorte?

Fosse o que fosse, eu queria matar aquela mulher, socando com gosto sua cara naqueles flocos de neve, deixando que miolos e sangue e pedaços mutilados de seu corpo escorregassem depois pelos bueiros da cidade, limpando a vida e a cidade de uma mulher tão miserável, capaz de condicionar seu amor à neve. Neste momento, uma bola de neve cresceu instantaneamente dentro de mim, me transformando de vítima em algoz: parti para cima de Ana, agarrei-a pelos cabelos e, como um louco lazarento, comecei a partir sua cabeça de encontro ao meio-fio com sucessivos golpes de ódio, manchando para sempre de vermelho o preto e o branco daquelas pedras portuguesas.

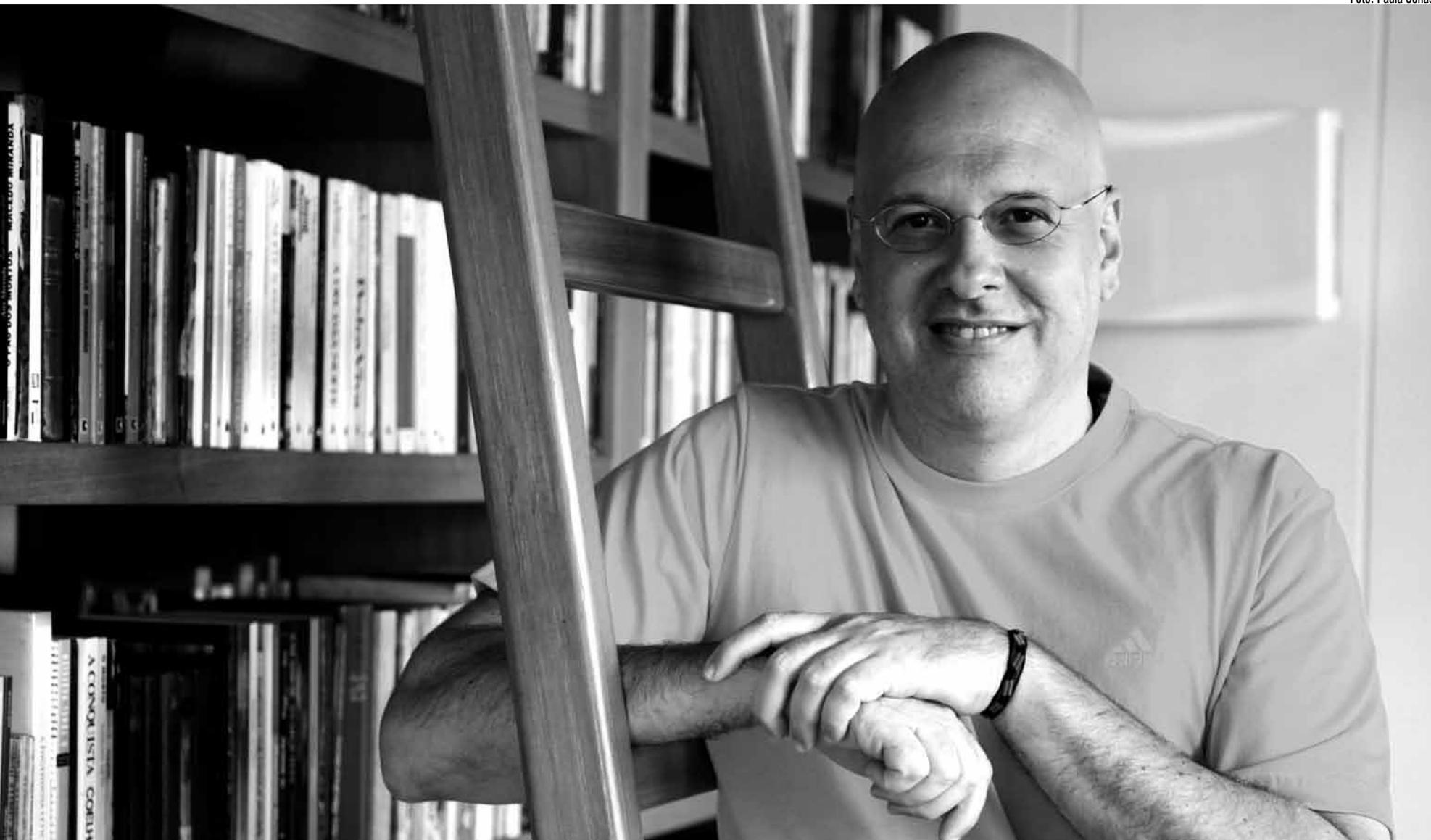
No outro dia, a manchete na *Tri-buna*: “Homem traído mancha de vermelho a neve curitibana”. Assinado: Nelson Rodrigues Curitibano. ■



Tudo é invenção

Apesar de ter como matéria-prima episódios da história, o romance histórico é, acima de tudo, ficção e, portanto, o que realmente importante é o tratamento que o autor imprime ao texto, à criação de personagens e, de modo geral, à linguagem da narrativa

Foto: Paula Johas



Alberto Mussa explica que o romance histórico é aquele que se passa numa época em que o romancista não tem acesso.

MARCIO RENATO DOS SANTOS

É possível conhecer a história, por exemplo, a partir de um romance histórico? Há algumas variações, mas a resposta é, em geral, não. O escritor Alberto Mussa afirma que todo romance é, por convenção e definição, uma narrativa irreal, ficcional. “Mesmo que seja baseada em fatos ou em experiências reais, é uma releitura, uma interpretação subjetiva e parcial, do romancista. Não tem, por isso, quase nada a ver com a vida”, diz Mussa, autor, entre outros, dos romances *O senhor do lado esquerdo* (2011) e *A primeira história do mundo* (2014).

Mussa explica que o romance histórico é aquele que se passa numa época que o romancista não tem acesso, por sua vivência ou memória próprias e mesmo pela memória ou vivência de seus contemporâneos: “O romance histórico, assim como o romance futurista, independe completamente da experiência pessoal. É, por isso, obra de absoluta ficção.” O escritor observa que, até por contraponto, romances convencionais, os não-históricos e não-futuristas, têm sempre alguma coisa da tão propalada autoficção — “Estes livros, sempre estão calcados em algo que o autor viveu ou testemunhou.”

No entendimento do prosador carioca, há dois tipos de romances históricos. O primeiro tipo procura recriar personagens que efetivamente existiram. “Estão mais presos ao aspecto factual, necessitam respeitar os dados biográficos fundamentais transmitidos pela historiografia”, comenta, citando Assis Brasil (leia artigo na página 26), João Felício dos Santos e Viriato Correia como exemplos de autores desta categoria.

Já o segundo tipo de romance histórico, de acordo com a argumentação de Mussa, é aquele que apenas ambienta a ação



Rodrigo Garcia Lopes começou a elaborar *O trovador* em 2006, mas o livro engrenou a partir de 2009, quando ele voltou dos Estados Unidos, onde lecionou por 3 anos na Universidade da Carolina do Norte. Em seguida, ganhou uma bolsa de criação literária da Funarte e se isolou no sul de Florianópolis para finalizar o romance.

“O desafio era conseguir fundir a história de mistério com a colonização de Londrina ao mesmo tempo.”

Rodrigo Garcia Lopes, autor do romance policial *O trovador*

num tempo pretérito, mas cria personagens totalmente ficcionais: “Neste caso, tem que respeitar apenas a verossimilhança histórica, sendo totalmente livres na concepção do enredo e das personagens. O José de Alencar indigenista é o melhor exemplo.”

Outro conhecimento

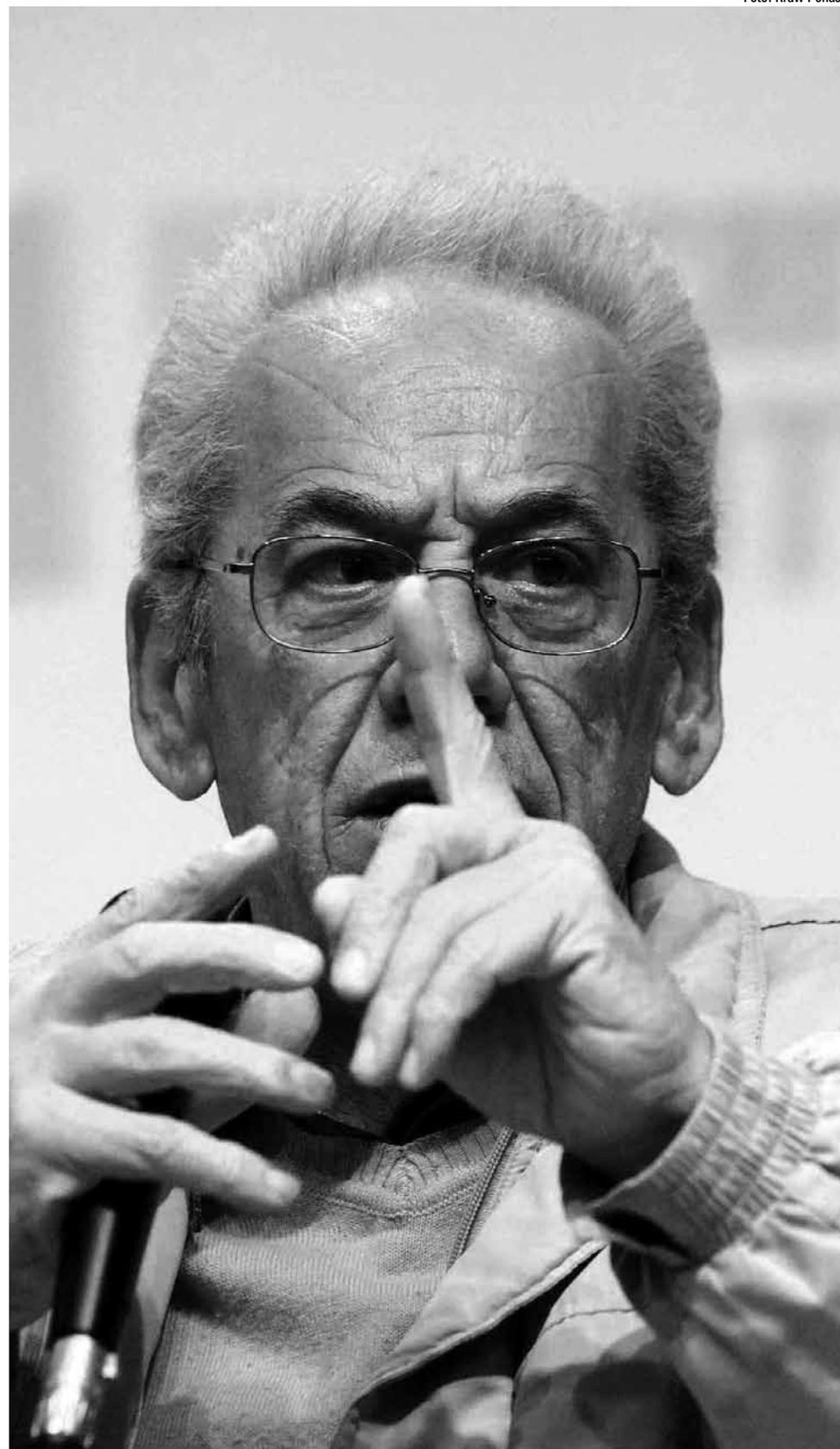
O professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Alcmeno Bastos define o romance histórico como a modalidade de romance que ficcionaliza conteúdo histórico que já foi objeto de algum registro historiográfico, escrito ou oral, e que permanece na memória coletiva de uma comunidade. E mais: “No romance histórico, a trajetória do protagonista, ou do grupo de personagens principais, deve estar associada de modo inextricável ao destino político de que faz parte, não bastando, portanto, que no romance seja feita menção a acontecimentos históricos, se estes acontecimentos não forem determinantes para a sorte das personagens.”

A definição do professor da UFRJ pode ser aplicada, por exemplo, a *Os dias do demônio* (1995), de Roberto Gomes. O romance problematiza os conflitos que aconteceram no Sudoeste do Paraná na década de 1950, que culminou com a chamada Revolta dos Posseiros de 1957. Regina Dalcastagné classificou o livro de “épico caboclo”. Para Wilson Martins, *Os dias do demônio* é um “romance histórico modelar”.

Gomes conta que alguns leitores comentam, com ele, que não tinham a menor ideia de que houve a Revolta de 1957, e que só foram conhecer o assunto ao ler *Os dias do demônio* — no episódio, colonos e posseiros pegaram em armas por causa de problemas que envolveram a colonização do local.

O escritor, no entanto, tem consciência de que a literatura não deseja substituir os estudos históricos. “Trata-se de outra forma de conhecimento. O que se deseja é produzir um objeto, o texto, que contenha, em sua linguagem, em seu andamento, seu enredo, seus personagens, a vida que existiu num dado

Foto: Kraw Penas.



Roberto Gomes é autor de *Júlia*, romance inspirado na trajetória da poeta Júlia Maria da Costa (1844-1911). “Além de pesquisar sobre a vida da autora, estudei a época, a Revolução Federalista, o fim do Império, o início da República. Descobri que a vida de Júlia e da ilha de São Francisco do Sul naquele momento eram um microcosmo do Brasil que se transformava profunda e violentamente”, afirma.

momento, com todas as suas contradições”, raciocina o prosador catarinense radicado em Curitiba.

O romance histórico, argumenta Gomes, quando bem-sucedido, apresenta a história viva — não dados, informações, episódios, questões de vínculos entre causas e efeitos históricos, relatos jornalísticos, etc. “Mas pessoas viventes, inteiras, com seus sentimentos, sofrimentos, angústias e esperanças de uma determinada época. Por isso, nos colocam no centro da cena tal como aquelas pessoas do passado viveram seus dramas. Não é informação, não é conhecimento teórico”, afirma o escritor.

Há riscos

O doutorando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Cristiano Mello de Oliveira acredita que um romance histórico pode apresentar problemas se, no texto, houver excesso de informações históricas, sem dramatização poética dos acontecimentos. “Dessa maneira, quando o romance histórico se torna algo aos moldes dos documentos ou dos arquivos pesquisados, a narrativa acaba prejudicada”, observa Oliveira.

“Um gênio chamado José de Alencar”

O romance histórico surgiu no século XIX, com Walter Scott e seu livro *Waverley* (1814). “Daí em diante, o romance histórico espalhou-se pelo resto do mundo, tornou-se febre, foi praticado em todas as literaturas ocidentais, inclusive no Brasil, e, apesar de sofrer ataques, nunca saiu inteiramente de moda”, diz o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Alcmeno Bastos.

O escritor Alberto Mussa afirma que José de Alencar foi o fundador do romance histórico no Brasil — não exatamente no sentido cronológico, mas do alcance mítico. Entre as obras de Alencar, Mussa destaca *As minas de prata*, *Iracema*, *Guerra dos Mascates*, *O guarani*, as novelas dos *Alfarrábios* e — supremamente — *Ubirajara* — “novela que quase ninguém conhece, mas que é a primeira obra das Américas (do Sul, Norte e Central) a tratar da pré-história do continente. E não só isso: Alencar, nesse texto, desafia e confronta toda a hipocrisia da moralidade europeia, fazendo ao mesmo tempo um elogio das culturas indígenas. No contexto racista em que surgiu, hoje ainda mais agravado, tal livro é uma bênção.”

José de Alencar, na opinião de Mussa, é — mais do que apenas o pioneiro no romance histórico — o verdadeiro fundador da literatura brasileira: “E todos nós devemos a ele grande parte do que escrevemos hoje. Machado de Assis, Guimarães Rosa e uma centena de escritores brasileiros: nenhum deles, nenhum de nós teria existido (conscientemente ou não) se nas nossas letras não houvesse surgido um gênio chamado José de Alencar.”

Reprodução

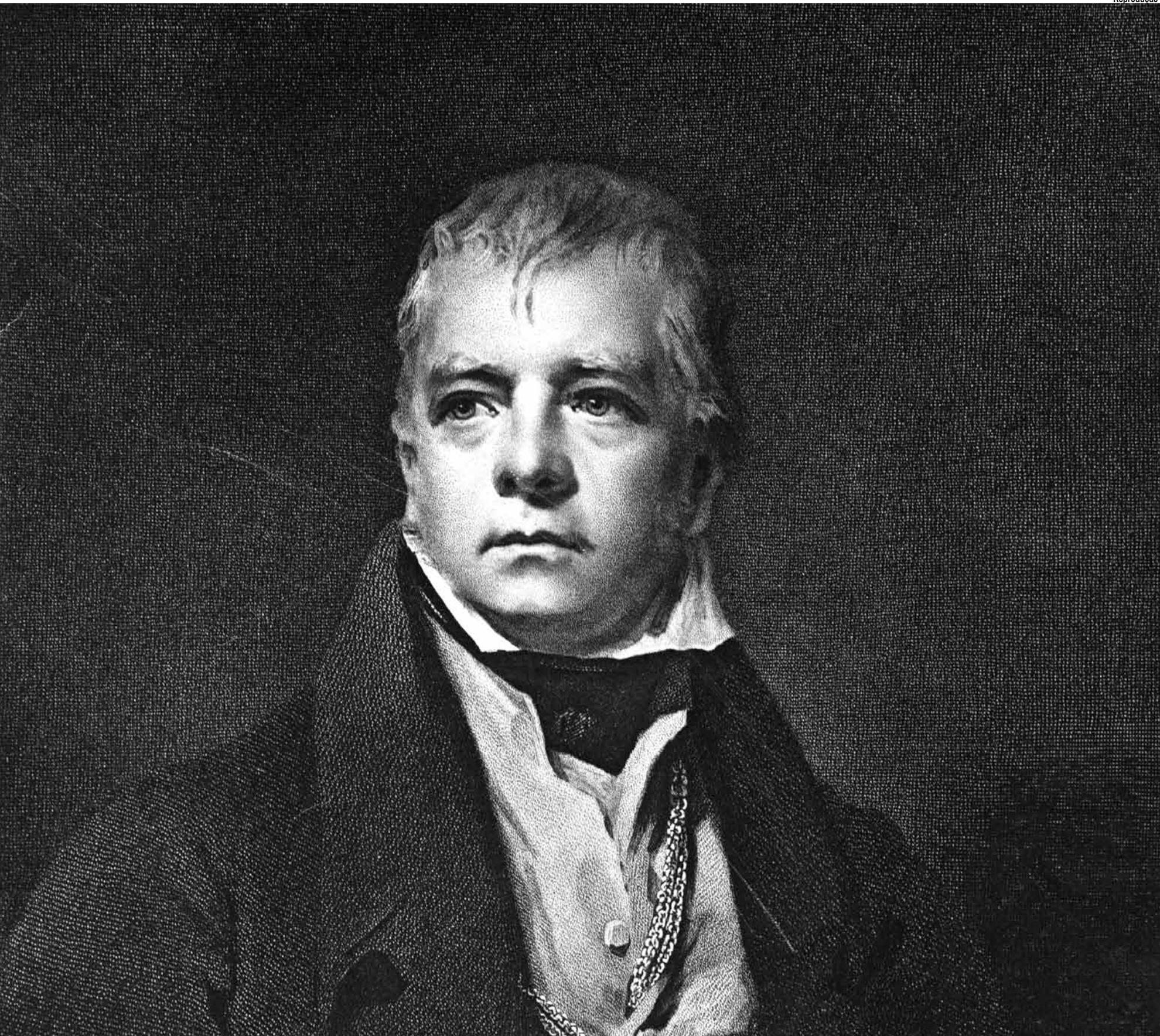


Na opinião do escritor Alberto Mussa, José de Alencar, além de fundar o romance histórico no país, é o verdadeiro fundador da literatura brasileira. “Todos nós devemos a ele grande parte do que escrevemos hoje”, diz.



ESPECIAL | ROMANCE HISTÓRICO

Reprodução



O escritor escocês Walter Scott (1771-1832) é considerado o criador do romance histórico.

“O romance histórico, assim como o romance futurista, independe completamente da experiência pessoal. É, por isso, obra de absoluta ficção”

Alberto Mussa, romancista, autor do recém-lançado *A primeira história do mundo*

Roberto Gomes acredita que o mau romance histórico é aquele parecido com uma reportagem mais ou menos jornalística e pitoresca que se passa num dado momento do passado. “Neste caso, o autor simplesmente menciona que ali na esquina da rua tal havia a Padaria Olímpia, mais adiante a Praça Fulano de Tal com um chafariz, a farmácia que aviava receitas, etc. São dados pitorescos. Bobagem. Assim, reconta-se mal o que já sabemos”, argumenta, citando como exemplos de romances ruins *O xangô de Baker Street* (1995) e *O homem que matou Getúlio Vargas* (1998), de Jô Soares, e *A marquesa de Santos*, de Paulo Setúbal.

Alberto Mussa prefere não apontar se um romance, por suas características internas, é ruim. “O que existe, para mim, são leituras ruins, que caem na conta de quem lê, não na de quem escreve. Apenas o fato de um livro ter sido

escrito, já merece reconhecimento, porque não é fácil escrever um romance”, diz. No caso de romance histórico, o que o desagrada é o didatismo.

O “tchan”

Conhecido como poeta, compositor e tradutor, Rodrigo Garcia Lopes acaba de publicar *O trovador*, romance que recupera a história colonização do Norte do Paraná pela companhia britânica Parana Plantations Limited — posteriormente chamada de Companhia de Terras Norte do Paraná. A narrativa se passa no segundo semestre de 1936, entre Londres, Londrina, Escócia e Rolândia.

Lopes realizou pesquisa e criou personagens inspirados em pessoas que existiram, entre as quais Edward VIII, Wallis Simpson, Winston Churchill, Lord Lovat e o provençalista Emil Levy. Já o personagem principal, Adam Blake,

tradutor e detetive, foi elaborado a partir de referências e também da prática dele com tradução: “Blake tem sobrenome de poeta famoso [William Blake], é escocês, tem 30 anos, fala 11 línguas. É um homem do mundo, culto, sem ser pedante, e alguém obstinado pela verdade e cujo passado, como muitos dos personagens do livro, também é obscuro. Ele tem traumas a serem superados.”

O escritor seguiu — talvez até mesmo sem ter acesso ao enunciado — aquilo que Alcmeno Bastos, da UFRJ, define como uma espécie de fórmula para o romance histórico ideal: “A correta dosagem das duas espécies de matéria com que lida: a matéria de extração histórica e a matéria de extração ficcional, isto é, sem procedência verídica, inventada pelo escritor.” Em *O trovador*, há história, imaginação e algo a mais, que o próprio autor explica o que é: “O livro me possibilitou levantar reflexões históricas

e questões sociais, escolhas morais, e de identidade, temas como corrupção, relações internacionais, colonialismo, propondo, ao mesmo tempo, uma reescrita da história. O desafio era conseguir fundir a história de mistério com a colonização de Londrina ao mesmo tempo.”

Alcmeno Bastos ainda observa que um romance histórico não é superior, ou inferior, a um romance de qualquer outra modalidade — por exemplo, de costumes, regionalista, psicológico, etc. “Um romance histórico tem lá suas peculiaridades, é claro, mas o que determina a qualidade de um romance não é a procedência da matéria, mas o tratamento dado a ela”, completa o professor da UFRJ, acrescentando que nunca deve ser esquecido que o romance histórico é, antes de tudo, ficção — “e está, portanto, no mesmo nível de qualquer outra modalidade de longa narrativa em prosa.” ■

Todo romance é histórico

Autor de romances que rementem ao passado do Rio Grande do Sul, **Luiz Antonio de Assis Brasil** defende a ideia de que é impossível dissociar história e ficção e que os gêneros literários estão pulverizados no século XXI

1. Falar em romance histórico é abrir uma discussão sem fim, a começar pelo seu conceito. Confesso que nenhum conceito me convenceu até agora, e possivelmente cada leitor terá o seu. Essa amplidão semântica, longe de ser um problema, é uma solução, pois me permite dizer, com alguma ponta de cinismo e descaramento, que jamais escrevi um romance histórico, embora seja esse o meu rótulo habitual e, talvez, tenha sido essa a razão do simpático convite para escrever este texto. Parto do princípio de que é muito difícil definir o âmbito temporal da própria História e, por consequência, o adjetivo que lhe faz referência. Vamos ver: quando começa a História? Outro dia encontrei um aluno da universidade, do curso de História, recolhendo alguns papéis do chão. Perguntei-lhe do que se tratava e por que ele recolhia. Era um panfleto político, novo, impresso talvez no dia anterior. E ele explicou: “Tudo isso é História, professor”. Ora bem: não temos como determinar o início da História; muito pior será classificar um romance de “histórico”. Um romance que

se passe na era Collor, por exemplo, é histórico? Não seria melhor dizer, portanto, que todo romance é histórico?

2. Não sou tolo o suficiente para negar que alguns de meus romances apresentam uma perspectiva que remete ao passado, isto é, suas tramas situam-se no século XIX. Não que seja uma fatalidade, pois poderiam situar-se no século XXI (como o que estou escrevendo agora) ou mesmo no futuro: a natureza humana é a mesma desde sempre, e os conflitos não têm idade nem época. Interessa-me o sentir das personagens, que vem a ser a recuperação da mundividência e o caráter de suas emoções; se eu quisesse categorizar esses romances, diria, com mais propriedade, que são intimistas.

3. Mas então, há uma pergunta pedindo para ser feita, e plenamente lícita: o que, diabos, me faz situar algumas de minhas tramas no século XIX? Tenho duas respostas: uma é mágica e outra sensata. A mágica: o passado tem as emoções mais fortes, as paixões mais

epidérmicas, os desejos mais rubros e as ideias mais sublimes. Tudo isso é falso, claro, mas isso anima a minha criação e serve de um bom impulso criativo. Agora a razão sensata, e na qual acredito mais: o passado me dá maior liberdade ficcional. Os referenciais do tempo presente são balizadores de qualquer literatura “realista”, e inafastáveis por si mesmos: se eu disser que o tempo de voo entre Porto Alegre e Curitiba (imaginando que minha personagem esteja no avião) é de dez horas, o leitor vai largar o livro. O escritor, quando escreve no tempo atual, deve obedecer a essas imposições concretas, sob pena de comprometer-se a verossimilhança. Já o passado é um vale-tudo muito interessante, e permite as maiores aberrações; o passado pode ser inventado, de acordo com as necessidades internas do romance. Mas isso acontece também com o romance de ficção científica que se passe, por exemplo, em 2085.

4. O “verdadeiro leitor”, entretanto, aquele que frui o texto como uma peça

de arte, não deveria se interessar em saber se a história que lê “de fato aconteceu”, ou se determinada personagem “real” disse ou não disse aquilo que está no livro. O “verdadeiro leitor” deve estar acima essas perguntas menores que vão de encontro ao jogo ficcional, pois o “verdadeiro leitor” sabe que, se quiser conhecer “como de fato aconteceu aquilo” vai à busca de um livro de História, e não de um romance — e assim mesmo, vai com muita cautela, pois sabemos que lavra uma crise tremenda entre historiadores sobre a possibilidade de “contar a História”. Daí porque se entende o paradoxo de Umberto Eco [cito de memória]: sobre a morte de Mme. Bovary, num romance, ninguém tem dúvida de que aconteceu; já sobre a morte de Napoleão, um fato histórico, só há dúvidas. Conclusão: a literatura é mais crível que a História. Trata-se de um paradoxo, com sua ponta de sofisma, mas serve para mostrar a dimensão que o assunto pode tomar.

5. Há o caso especialíssimo de obras que deliberadamente queiram narrar um



MARIA ANTONIETA e o TABLET

fato histórico através da palavra literária. Nada contra. É uma questão de gosto; não tenho esse gosto, mas respeito quem o tem. E admito, inclusive, que se escreveram obras de muito interesse para o grande público, e não só. E admito, ainda, que gosto de lê-los, quando bem escritos. Não, não pensem em *Guerra e paz*, pois não se trata de um romance histórico *tout court*, mas de uma soberba análise psicológica e social dos efeitos da guerra. Mas pode-se pensar, por exemplo, em *La maladie du roi*, de Christian Carisey, publicado em 2013, que trata de uma doença peculiar de Luís XIV, sob a perspectiva de um romance, ou *Bison*, de Patrick Grainville, saído agora, em 2014, que recupera a estada de George Catlin entre os Sioux. Talvez esses romances possam ser chamados de “históricos”.

6. O fato é que hoje em dia não há mais gêneros literários definidos, o que vejo de maneira muito positiva. Com o advento da internet, essa saudável confusão se espalhou por todo mundo letrado. Lemos um texto e apenas por um obsessivo espírito sistemático podemos nos fazer perguntas: isto é um relato autobiográfico? É uma crônica? É uma

reportagem? É um romance, é o quê? Estamos voltando àquele feliz estágio inicial da literatura, em que um grego podia ler [os pouquíssimos que tinham essa capacidade] Homero sem jamais se inquietar com a pergunta se aqueles fatos realmente tinham acontecido. Ele lia porque gostava das aventuras de Aquiles, Pátroclo, Príamo, Ulisses, e pronto. Com as histórias de cavalaria acontecia o mesmo: quem, na Idade Média, iria perder tempo com a dúvida sobre a existência do Cid Campeador, Rolando ou Rei Artur? O surgimento da História “como ciência” é que veio como um espírito de desmancha-prazeres para o leitor de literatura, gerando uma série infundável de mal-entendidos — pura perda de energia, que poderia ser destinada a algo bem mais agradável. O leitor de hoje, entretanto, começa a retomar aquela “ingenuidade” grega ou medieval, e faz muito bem.

7. Para concluir. O que realmente importa num romance [aliás, em qualquer texto literário!] é sua densidade cultural e estética; o resto são qualificativos, de interesse puramente acadêmico, e que não melhoram nem pioram qualquer livro. ■

Caco Galhardo Ilustração

Luiz Antônio de Assis Brasil é romancista, autor de 19 livros, entre eles *Concerto campestre* (1997) e *O pintor de retratos* (2001). Também é professor da PUC-RS, onde há 30 anos coordena a Oficina de Criação Literária. Atualmente “está” Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. Vive em Porto Alegre (RS).

Dez romances históricos da

1. O tempo e o vento

Erico Verissimo continua sendo o escritor que melhor contou a história do Rio Grande do Sul por meio da ficção. Segundo o crítico Antonio Candido, “o Rio Grande existe muito como visão de Erico”. E a trilogia *O tempo e o vento* é o pilar desse projeto ambicioso de recriar ficcionalmente uma região do país. Composta por *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961-1962), a trilogia foi escrita ao longo de 15 anos e narra a saga de duas famílias, os Terra-Cambarás e os Amaral. Paralelamente à história dos personagens, Verissimo mescla os principais episódios da formação gaúcha ao longo de dois séculos. A trilogia se encerra em 1945, com a queda de Getúlio Vargas. A galeria de personagens criadas por Verissimo também se tornou célebre. Ana Terra, Bibiana e o Capitão Rodrigo ainda pairam no imaginário dos leitores brasileiros. Inspirados na realidade dos pampas, os personagens fixam a tipologia do gaúcho tradicional, um homem duro, mas apaixonado, para quem o mundo é um difícil aventura.



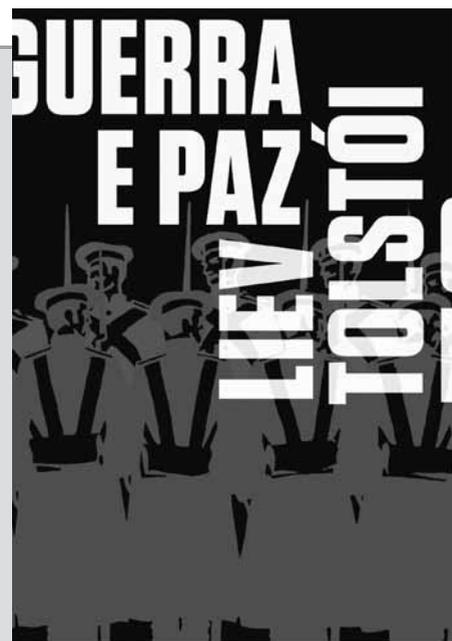
2. Viva o povo brasileiro

Escrito em uma espécie de linguagem barroca, mas com muito humor, *Viva o povo brasileiro* é um romance fundamental para entender a história do Brasil — ainda que seja o lado B da nossa colonização. O romance foi escrito, segundo seu autor, João Ubaldo Ribeiro, a partir da provocação de um editor, que jocosamente afirmava que os romances nacionais não paravam em pé, de tão finos. Em 1984, com 700 páginas, *Viva o povo brasileiro* ganhava as prateleiras e os corações de críticos e leitores. Jorge Amado, padrinho literário de João Ubaldo (1941-2014), o saudou como “Rebelais tropical”. E não era exagero, o livro tratou de alçar seu autor ao estrelato das letras nacionais. Recontando com maestria pouco mais de três séculos da história do Brasil, o romance épico por excelência está centrado na ilha de Itaparica — campo de batalhas indígenas e grandes farras antropofágicas, devastado no século XVII pela infantaria holandesa. A fim de construir uma identidade do povo brasileiro, o autor utiliza paródias e o uso de diferentes registros, como o culto e o popular, o lusitano e o nacional.

3. Guerra e paz

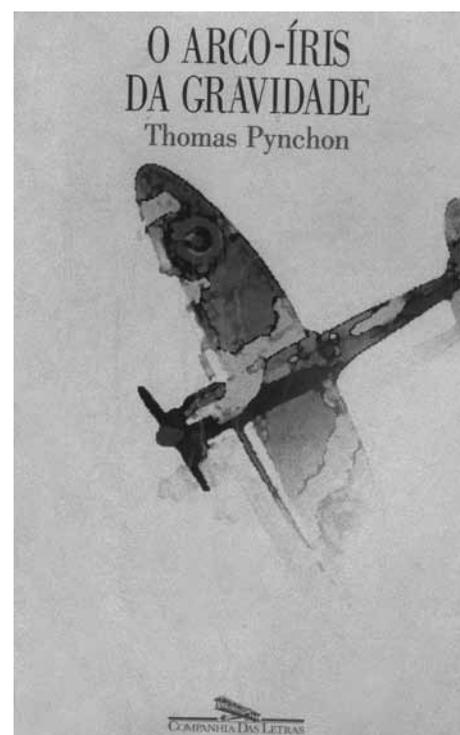
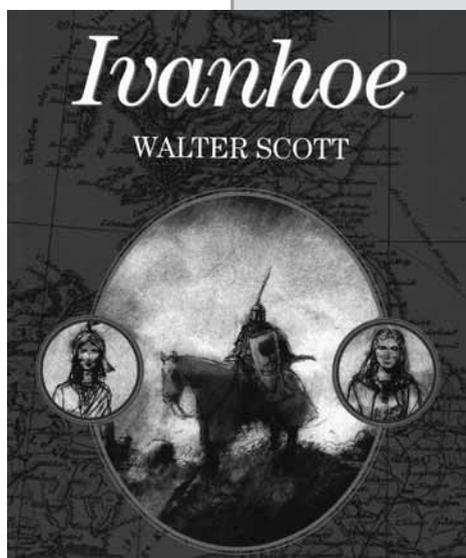
Liev Tolstói “só” escreveu três romances ao longo de seus 82 anos de vida. Mas todos, assim como grande parte de sua obra, viram clássicos da literatura mundial. *Guerra e paz* é o mais famoso deles e o livro em que a história de seu país se faz mais presente. Escrito ao longo de cinco anos, a partir de 1865, *Guerra e paz* foi lançado em 1869, em seis volumes e foi publicado inicialmente em fascículos na revista *Mensageiro Russo*. O livro trata do confronto das forças do czar russo Alexandre I com os exércitos napoleônicos em um período que vai, aproximadamente, de 1805 a 1820. Portanto Tolstói reconstruiu ficcionalmente um período à época relativamente recente da história russa. Para além das batalhas, o escritor apresenta um amplo painel da vida russa do início do século XIX, construído a partir de uma galeria imensa de personagens, de todas as classes sociais. Além disso, ao tratar de fatos históricos, o autor inevitavelmente constrói sua ficção baseado em figuras públicas de seu tempo, com especial destaque para Napoleão Bonaparte, a personalidade mais controversa da época.

literatura brasileira e mundial



4. Ivanhoe

Considerado mestre do romance histórico, o escocês Walter Scott publicou inúmeros livros (nos mais diversos gêneros) durante sua vida literária, mas foram os romances que popularizaram seu nome junto aos leitores, em especial *Ivanhoe*, publicado em 1820. O livro narra a luta entre saxões e normandos e as intrigas de João sem Terra para destronar Ricardo Coração de Leão. É considerado o primeiro romance histórico do romantismo. E foi justamente como criador desse gênero que Scott definiu sua reputação e estabeleceu sua influência posterior na literatura europeia. Com os rendimentos provenientes da escrita, Scott mandou construir um gigantesco castelo em Abbotsford, na fronteira escocesa, em 1811. Os negócios editoriais em que Scott se envolveu com James Ballantyne resultaram em sucessivas dívidas e culminaram com sua falência. As dificuldades econômicas posteriores e a determinação de Scott em pagar todas as suas dívidas motivaram a extensa produção literária que caracteriza os últimos anos da sua vida.



5. O arco íris da gravidade

O terceiro romance de Thomas Pynchon exibe todas as marcas de sua ficção, com tramas fabulosamente inventivas entrecortadas por uma polifonia de vozes e discursos tão variados que o leitor por vezes se sente desorientado. Bem a contento do escritor, já que o prazer dos livros de Pynchon está mais na jornada do que no destino dos personagens. Publicado originalmente em 1973, o livro também captura o momento em que foi escrito: o auge da contracultura. E realça outro aspecto presente nos romances de fôlego do escritor (*Mason & Dixon* e *Contra o dia*, principalmente): valer-se de fatos históricos para criar tramas mirabolantes. Em *O arco-íris da gravidade*, a narrativa é ambientada na Europa devastada do final da Segunda Guerra e nos primeiros momentos do pós-guerra. O soldado americano Tyrone Slothrop, lotado em Londres, descobre que o mapa de suas conquistas sexuais corresponde exatamente ao padrão dos bombardeios nazistas. No meio dessa narrativa, diversas outras histórias se sobrepõem, como a invenção de uma lâmpada inacabável da General Electric. Talvez a mais pynchoniana das histórias do escritor.

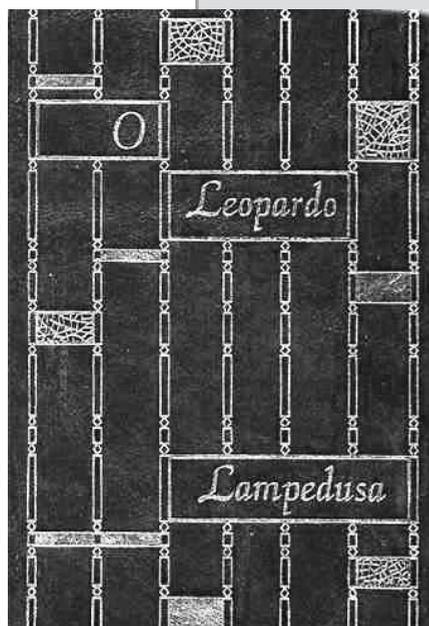
6. Mad Maria

Publicada em 1980, a obra de Marcio Souza problematiza literariamente a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, em Rondônia, e é apontada como um dos mais importantes romances históricos do Brasil. “Neste romance, é possível o leitor apreender episódios dramáticos sobre a macabra mortandade de trabalhadores estrangeiros”, afirma o doutorando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Cristiano Mello de Oliveira. O romance, explica Oliveira, inclui descrições rigorosas realistas do sofrimento dos imigrantes — a maior parte do continente latino-americano — que chegaram ao Brasil para construir uma ferrovia. “Não é à toa que o pesquisador Francisco Foot Hardmann, no ensaio *O trem fantasma* (1985), tenha indicado esse romance como referência obrigatória para aqueles leitores que desejam conhecer poética e historicamente os acontecimentos da construção da ferrovia”, acrescenta Oliveira. O romance ganhou uma adaptação televisiva, no formato de minissérie, em 35 capítulos, exibida pela TV Globo.



7. O leopardo

Tomasi di Lampedusa (1896-1957) escreveu um romance que foi publicado somente dois anos depois da morte do escritor, em 1959. Segundo consta, editoras recusaram o original que, ao longo dos anos, se tornou uma das obras literárias mais comentadas por leitores e estudiosos. Na opinião do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Alcmeno Bastos, *O leopardo* está entre 10 livros mais importantes, no que diz respeito ao diálogo entre ficção e história. A obra literária recria a transição do século XIX para o século XX na Itália, período em que a nobreza entrava em decadência ao mesmo tempo que uma nova classe, sem tradição, conquistava espaço e poder. O romance foi adaptado para o cinema pelo diretor italiano Luchino Visconti, em 1963, com a participação dos atores Burt Lancaster e Alain Delon e da atriz Claudia Cardinale — o filme conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Uma das frases do livro, também aproveitada no filme, é considerada uma máxima por muitas pessoas: “Algo deve mudar para que tudo continue como está”.



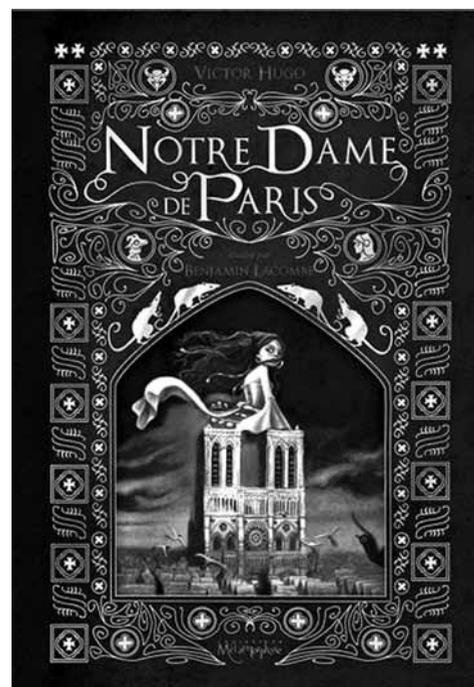
8. As minas de prata

Publicado em 1865, o romance de José de Alencar (1829-1877) é ambientado na Bahia, no século XVII, e tem como argumento histórico o fato de Robério Dias ter descoberto minas de prata — episódio nebuloso da história colonial brasileira. Wilson Lousada diz que a obra é ação do início ao fim. No texto “Alencar e ‘as minas de prata’”, Lousada conta, sem revelar tantos detalhes, o que o leitor vai encontrar nessas páginas escritas pelo escritor cearense: “O título da obra é mais o pretexto inicial para que o autor dê asas à imaginação do que mesmo a base do desenvolvimento do livro. Isto é, as famosas minas de prata, que por sinal não passam de verdadeira miragem, na história e no romance, ocupam apenas quatro ou cinco páginas do elevado total de mais de quinhentas, e nelas tudo gira simplesmente em torno do roteiro desse novo eldorado, perdido aqui, roubado acolá, outra vez recuperado.” O livro, extenso, é tido como um dos pontos altos do vasto legado de José Alencar. O escritor Alberto Mussa considera *As minas de prata* um dos 10 melhores romances históricos brasileiros.



9. Boca do inferno

“Esta cidade acabou-se’, pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado, no terreiro de Jesus. ‘Não é mais a Bahia. Antigamente, havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da força, fazem assaltos à vista.” O trecho faz parte do romance *Boca do inferno* (1989), de Ana Miranda, e ajuda a entender a narrativa. O romance se passa na Bahia colonial, no século XVII, em meio ao governo de Antonio de Souza de Menezes, que perseguiu diversas pessoas, entre as quais, o poeta Gregório de Matos. Devido às sátiras que escrevia, e publicava, zombando de pessoas influentes, Matos perdeu o cargo e foi obrigado a se esconder. Mas, além do personagem que empresta o seu apelido, Boca de inferno, ao título do livro, nesta obra é possível ter acesso ao contexto baiano do século XVII, a partir da presença de personagens como o padre Antonio Vieira e outras figuras anônimas que podem marcar o imaginário do leitor, como um vereador corcunda e o seu amante louro. Com *Boca do inferno*, Ana Miranda conquistou, em 1990, o Prêmio Jabuti na categoria Literatura Adulta/ Autora Revelação.



10. Nossa senhora de Paris

Um dos mais festejados livros de Victor Hugo (1802-1885), *Nossa senhora de Paris* também é conhecido por outro título: *O corcunda de Notre Dame*. Publicada em 1831, a obra, de acordo com o que o autor escreveu na apresentação, tinha a finalidade de chamar a atenção para a conservação da catedral de Notre Dame. No enredo, há diversos personagens, entre os quais o sineiro: “Quasímodo era o sineiro da igreja de Paris. Com o tempo, formara-se não sei que laço íntimo que unia o sineiro à igreja. Notre Dame, fora para ele, o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo.” Mas, além do cenário, o autor elaborou uma trama complexa, durante a Idade Média, ocasião em que uma bailarina, Esmeralda, tem possibilidade de conquistar a todos, por causa de sua beleza. O arqui-diácono da catedral de Notre Dame, Frolo, vai se apaixonar pela personagem, mas ela, por sua vez, se deixa seduzir por um capitão, Febo. A trama inclui morte, traição e uma grande surpresa que, evidentemente, não será revelada aqui — vale ler para conferir o desfecho deste clássico mundial.

Além do cu do mundo

Dê Almeida Ilustração

Os autores **José Roberto Torero** e **Marcus Aurelius Pimenta** voltam a escrever novo romance em parceria. O **Cândido** publica com exclusividade fragmento do livro, que ainda não tem editora nem data de publicação



João Missel Gigante

Tudo está em trevas e silêncio. Então surge uma pequena luz. Poderia ser um vaga-lume ou um espírito. Mas é o contrário dos dois. É um lume que vaga e um homem. João Missel Gigante carrega uma tocha enquanto atravessa charcos, pisa em pés de mandioca, afasta ramos de trigo com os braços e atravessa o corredor de uma plantação de milho.

Tudo dentro do breu, como se aquela fosse a única luz do mundo.

Três léguas depois ele chega ao rio dos Tamanduás. Fosse hoje, estaria na Avenida do Estado, em frente à igreja pentecostal Deus é Amor, que é enfeitada com um arco-íris de gosto duvidoso e possui capacidade para sessenta mil dizimistas. Como está em 1648, ele se vê apenas diante de uma colina. Lá em cima brilha a luz de umas poucas lamparinas a

óleo de mamona. É a vila de São Paulo, pequeno povoado de duas mil almas.

João apaga a tocha, se inclina sobre uma bica e bebe um gole d'água. Então, de repente, sente algo cutucando seu braço. Pensa que é a língua de um tamanduá. Mas é o dedo de um amigo.

Catarro

— Quase me mataste de susto, Catarro.

— Essa era a ideia.
 — Canalha!
 — Chegou o dia.
 — Chegou.
 — Trancaste bem a casa?
 — Não tenho nada para roubarem.
 — Estás com medo?
 — Não. E tu?
 — Estou é com sono.
 — Não dormiste?
 — Eu e a mulher ficamos nos

despedindo a noite toda.

— Ela chorou quando te viu partir?

— Sorriu. Não sei se pela boa noite ou porque ficará uns meses livre de mim.

— Quero ver como vais fazer todo este tempo.

— Dá-se um jeito, dá-se um jeito... — disse Catarro beijando a mão direita.

Boaventura, Bandarra e outros que não interessam

João Missel e Catarro avançam pela Subida de Tabatinguera, saltam sobre restos da antiga muralha da vila e passam ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Se tivessem entrado, veriam dois padres no interior dos confessionários. Um deles é gordo, tem mais de cinquenta anos, a calva lisa e a cara pelada; seu nome é Bartolomeu Boaventura. O outro aparenta trinta anos; é alto, magriço, usa barba, um corte de cabelo em forma de cuia e chama-se Simão Bandarra.

Em frente a eles há uma fileira de fiéis. Como podem morrer em breve, querem garantir um lugar no céu. Assim,

*João Francizco Saavedra confessará que se curou fazendo rezas para deuses índios;

*Juvenal Cascudo confessará que tem gosto em falar palavras impuras durante o coito;

*André Saraiva confessará que é o verdadeiro pai do filho de Gregório de Uales,

*Apolonio Aleixo confessará que é o verdadeiro pai do filho de Gregório Uales;

*Gregorio de Uales dirá que roubou seus sócios André Saraiva e Apolonio Aleixo nas contas;

*Domingos Roiz Deniza confessará que não paga impostos nem dízimos à igreja, e que acha tais cobranças uma canalhice;

*João das Vacas confessará que gosta de trepar com éguas, cabras, porcas e até mesmo com galinhas, principalmente as da raça d'angola;

*Manoel Homem Albernás confessará que matou o irmão para ficar com a herança de seu pai;

*Juzarte de Campos Carvajal confessará que fez dívidas com seus amigos por achar que não voltará vivo da expedição;

*e José de Paris confessará que comete o pecado solitário pensando em freiras, ao que padre Bandarra o absolverá, dizendo que isso é coisa comum em São Paulo e que, se fosse deixar de joelhos todos os que fazem isso, não sobriaria lugar na igreja.

Encerradas as confissões, os padres vão até a sacristia. Tiram seus hábitos e começam a se vestir.

— Preciso limpar a mente depois de ouvir tantos pecados — diz padre Bandarra cutucando o ouvido com o dedo mínimo.

— Pense que o arrependimento é uma semente. Se a lançarmos na terra da fé e se a regarmos com boa doutrina, ela pode crescer e se tornar uma árvore de Cristo.

— Verdade. E, de quebra, ficamos sabendo dos mexericos da vila.

— Tem prazer nisso?

— Gosto de histórias.

— Na viagem verás histórias escritas com a pena da galhofa, mas usando tinta de sangue.

— São as melhores.

— Para serem lidas, não vividas.

Já guardaste as coisas no baú?

— Um incensório, um círio, os cálices e o livro de horas.

— A imagem de Nossa Senhora do Carmo?

— Na outra bolsa.

— Ótimo. Lá vamos nós de novo.

— O senhor vai de novo. É minha primeira vez.

— Verás que é como qualquer viagem: vai-se e volta-se. Quer dizer, nem sempre se volta, mas assim é a vida, um ir e vir sem fim até o dia em que apenas se vai.

Tamarutaca

Não longe da igreja, uma tropa amontoa-se na rua de Manuel Paes Linhares. Os índios chamavam esta rua de Caminho de Inhapuambuçu porque estava mesmo numa “colina grande”, mas logo ela teria o nome mudado para rua do Rosário, em devoção a Nossa Senhora; depois para rua da Imperatriz, em honra à família Imperial, e finalmente para XV de Novembro, em homenagem à república, o que mostra que, mesmo sendo reta, é uma rua que curva-se ao gosto dos tempos.

Fosse hoje, os guerreiros estariam passando em frente à Drogaria Onofre (onde poderiam comprar repelentes), à lanchonete Flor da XV (onde poderiam comer um misto quente), à Bolsa de Valores (que, assim como esta expedição, é um modo selvagem de ganhar dinheiro), à livraria Paulinas (que dificilmente venderá este livro), ao sebo Antônio Prado (onde talvez seja encontrado), à Engraxateria (onde os poucos que não caminham descalços poderiam embelezar as botas) e por agências dos bancos do Brasil, Santander, Itaú, Safra, Bradesco e Citibank, bancos de emprestar numa rua em que faltam bancos de sentar.

Mas nada disso existe ainda. Aliás, estes homens nem fazem ideia de como será São Paulo daqui a 366 anos, assim como não sabemos o que

será da rua XV de Novembro em 2380, pois ela tanto pode estar cheia de carros voadores, quanto em ruínas povoadas por baratas.

O que existe, por enquanto, é uma picada de terra com esparsas casas de pau-a-pique. Neste dia, porém, ela está cheia. Mulheres, velhos, crianças e covardes dão adeus a mais de duzentos homens brancos e mais de mil índios e mamelucos que transitam com ares de quem vai à guerra. Apenas um em cada quinze voltará vivo e, para ser um destes, Bento Tamarutaca encomendou um patuá. Na bolsinha de tecido vermelho, uma índia enfiou um dente de alho, um punhado de pó de chifre de bode, um olho de piapara banhado em água benta e a oração de São Jorge.

Bento Tamarutaca tem cabelos lisos e olhos rasgados, visto que a mãe é da nação guaianá. Do pai português herdou a tez clara e uma barbela que lhe empresta o ar nobre. É um mame-luco, palavra que vem do árabe *mamluk* e quer dizer escravo, pajem, criado. Mas isso Tamarutaca não é, já que seu pai, que era dono de sua mãe, assim que o tomou nos braços, disse: “Tem o meu nariz. Vou dar-lhe a liberdade e criá-lo como um filho legítimo. Ou quase.” ■

 **José Roberto Torero** nasceu em Santos, em 1963. É autor do *best-seller O Chalaça*. Em 2012, venceu o Prêmio Paraná de Literatura, na categoria contos, com *Papis et circensis*. Vive em São Paulo (SP).

 **Marcus Aurelius Pimenta** nasceu no Brás, na cidade de São Paulo, em 1962. Jornalista e roteirista, escreveu peças de teatro e documentários. Em parceria com José Roberto Torero, escreveu os romances *Terra papagalli* e *Os vermes*, além das peças *Omelete* e *Romeu e Julieta: segunda parte*. Vive em São Paulo (SP).

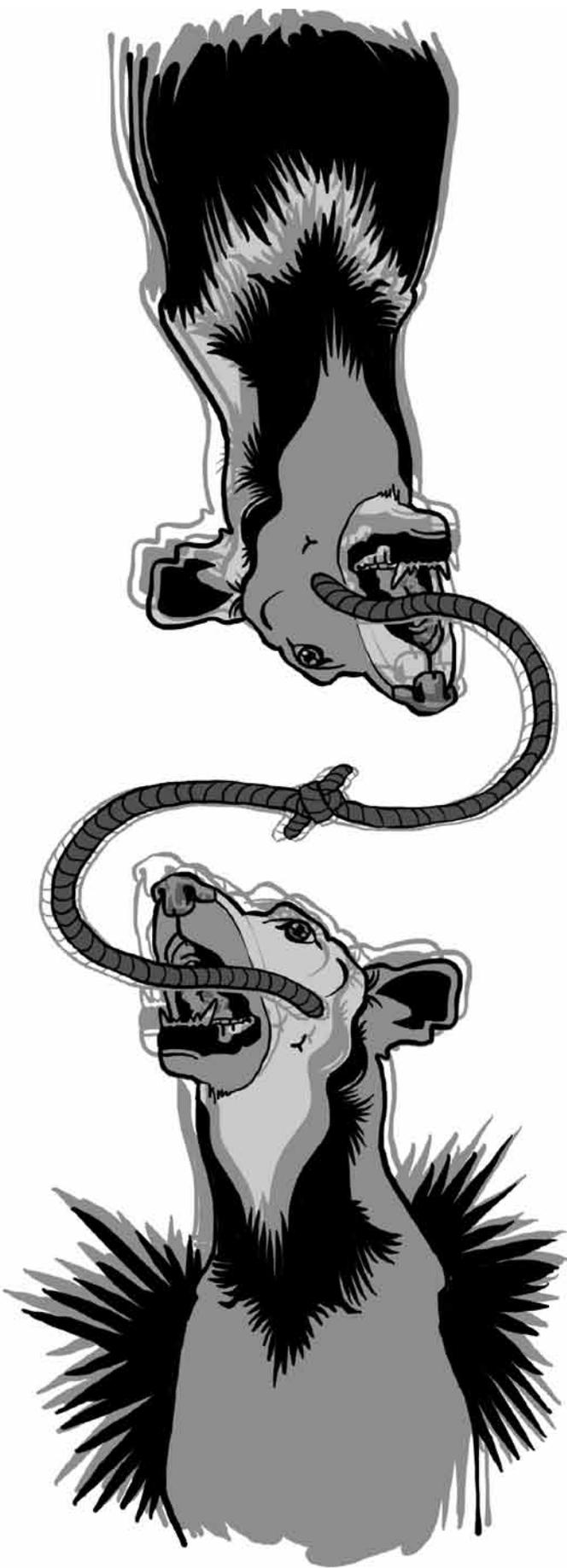
CLIQUE

EM CURITIBA



Mauricio Vieira é artista visual e há quatro anos está radicado em Curitiba. Em 2012, expôs a mostra itinerante “Av. Paulista, alma paulistana”, que circulou em diversas estações do Metrô da cidade de São Paulo ao longo de cinco meses. Segundo o fotógrafo, a série publicada pelo **Cândido** sugere ao público questionamentos da “vida contemporânea”, apresentando uma Curitiba que, como outros centros urbanos, “precisa cultivar suas raízes diante do crescimento urbano”. ■



*playing it out*

*there are only two men I can really
relate to in this world and
one is on his deathbed
and the other, well, his wife
just ran away from him.*

*and I sit here typing
these things
drunk
as everybody else in the
neighborhood is
asleep except for
two dogs
barking
at the sound of these
keys.*

*it's strange, I think,
that the best I know are
in trouble
while the worst are
healthy, calm and
prosperous;
they are also exception-
ally dull
and consider themselves
my friends.*

*I keep typing these
drunk poems
sitting in this chair
smoking too many
cigarettes
and not understanding
anything
and finally
not wanting to.
just drinking and
cracking these keys to
make the dogs
bark
night into morning.*

exaurindo

só há dois caras com quem eu consigo realmente
me relacionar nesse mundo e
um deles está no leito de morte
e o outro, bem, sua mulher
acabou de se mandar.

e eu aqui sentado digitando
essas coisas
bêbado
enquanto todo mundo na
vizinhança está
dormindo exceto por
dois cachorros
latindo
como o som dessas
teclas.

é estranho, penso,
que os melhores que conheço estão
na pior
enquanto os piores estão
saudáveis, calmos e
prósperos;
eles são também excepcional-
mente tolos
e se consideram
meus amigos.

fico digitando esses
poemas bêbados
sentado nessa cadeira
fumando cigarros
demais
e sem entender
nada
e finalmente
sem querer entender.
apenas bebendo e
martelando essas teclas para
fazer os cães
latirem
da noite à manhã.



2 p.m. beer

*nothing matters
but flopping on a mattress
with cheap dreams and a beer
as the leaves die and the horses die
and the landladies stare in the halls;
brisk the music of pulled shades,
a last man's cave
in an eternity of swarm
and explosion;
nothing but the dripping sink,
the empty bottle,
euphoria,
youth fenced in,
stabbed and shaven,
taught words
propped up
to die*

Felipe Rodrigues Ilustração

cerveja às 2 da tarde

nada importa
a não ser capotar num tapete
com sonhos baratos e uma cerveja
enquanto as folhas morrem e os cavalos morrem
e as senhorias nos encaram nos corredores;
vivaz é a música das persianas fechadas,
a última caverna de um homem
numa eternidade de enxame
e explosão;
nada senão a pia pingando,
a garrafa vazia,
euforia,
juventude cercada,
perfurada e barbeada,
palavras ensinadas,
preparada
para morrer.

Charles Bukowski nasceu em Andernach, na Alemanha, em 1920, mas morou nos Estados Unidos desde os três anos de idade até sua morte, em 1994. Criou-se em meio à pobreza de Los Angeles, cidade onde residiu por 50 anos. Sua literatura é extremamente autobiográfica, com temas e personagens marginais. Ao longo de sua vida, publicou mais de 45 livros de poesia e prosa, como *Mulheres* (romance), *Ao sul de lugar nenhum* (contos), *Burning in water, drowning in flame* (poemas) e *War all the time* (poemas), de onde os textos aqui publicados foram retirados.

Fábio Soares traduziu quatro livros de Charles Bukowski, todos publicados pela Spectro Editora. É formado em Letras, com mestrado e doutorado em Literatura. Vive em Florianópolis (SC).

A GUERRA DA ORDEM DOS PEIXES

A Ordem dos Peixes, uma tariqa sediada numa aldeia piscatória do sul do Irão, era assim chamada, porque o seu fundador, Parizad de Pasni, dizia que a alma humana deve ser como os olhos dos peixes que, por não terem pálpebras, estão sempre abertos. Todas as práticas ascéticas desta ordem se baseavam numa constante vigília, o zikhr, ou a recordação de Deus, acompanhada por uma permanente lembrança da morte e do presente, levadas a um extremo difícil de suportar, mas às quais os adeptos se entregavam com fervor e dedicação infinitos. Havia ainda outro motivo para a Ordem dos Peixes se denominar assim: o facto de os peixes nunca pararem de crescer, até morrerem. Isso era, para Parizad de Pasni, um excelente exemplo do modo como a sabedoria se vai alastrando pelo corpo, sem nunca parar de crescer. A sabedoria, dizia ele, é um peixe a crescer na

alma. O corpo pode minguar, definhar, envelhecer, enfraquecer, mas a sabedoria não deve parar de crescer. Deve aumentar tanto o seu tamanho que não caberá na alma, transbordando e enchendo o mundo.

Na mesma altura, também durante o império Gaznévida, foi fundada a tariqa de Roozbeh, que era conhecida como a Irmandade dos Camarões, pois estes animais têm o coração na cabeça e isso, para Roozbeh, simbolizava uma união plena entre a razão e o sentimento. Os dervixes estudavam teologia e filosofia enquanto dançavam, e viviam uma espiritualidade em que cada acção emocional ou passional era acompanhada pela recitação dos textos da própria ordem, de poemas e, claro, do Alcorão e da Sunnah. A ordem valorizava a poesia acima de qualquer outra expressão, pois usavam-na como veículo filosófico, estético e passional.

O modo como cada uma destas confrarias vivia a religiosidade acabou por fazer aparecer, entre elas, uma rivalidade profunda. Parizad ridicularizava Roozbeh, dizendo que estes pensavam com o coração, enquanto Roozbeh se ria de Parizad por este nunca fechar os olhos e não perceber que o descanso e o sono também são maneiras de chegar a Deus. A disputa entre ambas as tariqas acentuou-se após a morte dos seus respectivos líderes e tornou-se absurdamente violenta ao ponto de morrerem, durante o século XI (411 depois da Hégira) centenas de dervixes de ambas as ordens, em circunstâncias atrozes.

A paz foi momentaneamente restaurada por Muqatil Al-Rashid, que mandou trazer à sua presença todos os dervixes das respectivas irmandades. Sentou-os a uma mesa e serviu peixes e camarões, cozidos, grelhados, com molhos, ao natural. Disse que era capaz de

os comer a todos com a mesma voracidade, cuspiendo cascas e espinhas. A mensagem de Muqatil al-Rashid foi compreendida e, durante algum tempo, houve paz entre as duas confrarias.

As rixas voltaram a surgir alguns meses depois de Muqatil al-Rashid ter abandonado a região. Primeiro com pequenas acusações de parte a parte, que rapidamente tomaram proporções absurdas. Actos de extrema violência voltaram a ser cometidos, numa voragem que culminou na morte de inúmeros religiosos, bem como leigos, mulheres e crianças. Muqatil Al-Rashid voltou a intervir. Mandou prender os dervixes e enforcá-los a todos. Nesse instante, logo após a sentença ser ouvida, um dos conselheiros de Muqatil al-Rashid pediu para falar. Estava horrorizado com a crueldade da decisão do soberano.

Disse, então, Muqatil al-Rashid: — Pode um homem desejar algo

mais do que ver as suas preces atendidas e o seu mais profundo desejo concretizado? Eu, ó vizir, não faço senão como Alá. Estes homens, mais do que tudo, desejam matar-se e eu proporciono-lhes a concretização desse desejo.

— Mas, ó rei, a bondade, muitas vezes, é negar aos homens os seus desejos. A generosidade de satisfazer a ambição dos outros, se for usada sem sabedoria, é apenas crueldade.

— Se os libertar, ó súbdito, matar-se-ão e arrastarão inocentes. A liberdade, se for usada sem sabedoria, é outra forma de crueldade. De ambas as maneiras, se os enforcar ou se os libertar, morrerão. Mas se for eu a fazê-lo a responsabilidade recairá sobre mim, em vez de recair sobre eles. E, quando Alá me julgar por isso, apontarei para as minhas costas. Contudo, seguirei o teu conselho, tendo a certeza de que o perdão poderá ser outra forma de matar. ■

Marciel Conrado Ilustração



Afonso Cruz é escritor, ilustrador e músico. É autor, entre outros, do romance *Para onde vão os guarda-chuvas* (2013). Foi eleito pelo jornal *Expresso*, de Portugal, como um dos 40 talentos que vão dar o que falar no futuro. Vive em Alentejo, em Portugal.



Depois da morte de J.D. Salinger, em 2011, Thomas Pynchon se tornou o recluso número um das letras americanas. No entanto, foram seus romances anárquicos, e não seu modo de vida, que fizeram sua fama. Autor de livros monumentais (em vários sentidos), Pynchon é considerado um renovador do romance pós-moderno, um escritor que redefiniu o conceito de polifonia na literatura. Livros como *V*, *Contra o dia* e *O arco-íris da gravidade* passeiam por diversas épocas da História, mas também tratam, com igual intensidade, de acontecimentos contemporâneos. A linguagem empreendida por Pynchon costuma ser tão ousada quanto suas tramas. É o caso de *Mason & Dixon*, romance de 1997 em que o escritor narra, em um inglês setecentista, as aventuras de dois cientistas no século XVIII. Thomas Pynchon nasceu em Long Island e frequentou o departamento de Engenharia de Universidade de Cornell. Por conta de sua formação, temas relacionados à física quântica, à matemática e à mecânica costumam aparecer em longas digressões narrativas, a confundir mais uma vez o leitor sobre a veracidade ou não das informações. Já no primeiro romance, *V*, o escritor dava pinta de que enveredaria por um literatura de linguagem, mas que não deixa de lado a cultura de massa, conciliando assim uma escrita rebuscada, porém solta, a temas e fenômenos caros à sociedade de consumo. No Brasil, sete dos nove livros do escritor foram traduzidos. Apenas a coletânea de contos *Slow learner* e o romance *Bleeding edge* permanecem inéditos. Ainda em 2014, a adaptação de seu livro *Vício inerente*, feita pelo diretor Paul Thomas Anderson, deve estrear nos cinemas. ■

 **DW Ribatski** nasceu em Curitiba, em 1982. É artista plástico, ilustrador e quadrinista. Publicou as HQs *Como na quinta série* (2012), *La naturalesa* (2011), *Vigor Mortis* (2011, com José Aguiar e Paulo Biscaia) e *Campo em branco* (2013). Vive em São Paulo (SP).